

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO MATEENSE
FACULDADE VALE DO CRICARÉ
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ELIVOMARIA ALVES COSTA PEREIRA
MARIANNA TEIXEIRA DE LIMA
NATÁLIA LEONEL PORFÍRIO**

**EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

**SÃO MATEUS
2016**

**ELIVOMARIA ALVES COSTA PEREIRA
MARIANNA TEIXEIRA DE LIMA
NATÁLIA LEONEL PORFÍRIO**

**EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação Física
da Faculdade Vale do Cricaré, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Educação Física.
Orientador: Professor Mestre Romário
Guimarães Franca.**

**SÃO MATEUS
2016**

**ELIVOMARIA ALVES COSTA PEREIRA
MARIANNA TEIXEIRA DE LIMA
NATÁLIA LEONEL PORFÍRIO**

**EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação Física da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em ____ de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

**PROF. ROMÁRIO GUIMARÃES
FRANCA
FACULDADE VALE DO CRICARÉ
ORIENTADOR**

**PROF. NOME COMPLETO
FACULDADE VALE DO CRICARÉ**

**PROF. NOME COMPLETO
FACULDADE VALE DO CRICARÉ**

Dedicamos esta pesquisa principalmente a Deus, que nos deu vida e sabedoria.
Às nossas famílias, que suportaram os momentos de ausência e estiveram sempre ao nosso lado, para que pudéssemos alcançar sucesso neste curso.

Agradecemos a Deus em primeiro lugar por ter nos dado vida até aqui.

Agradecemos a nossos familiares e amigos que tiveram paciência e nos apoiaram nos momentos mais difíceis do curso.

Agradecemos também a todos os professores que nos deram aula no Curso de Educação Física, em especial ao nosso orientador Romário Guimarães Franca.

“Brincar desenvolve as habilidades da criança de forma natural, pois brincando aprende a socializar-se com outras crianças, desenvolve a motricidade, a mente, a criatividade, sem cobrança ou medo, mas sim com prazer.”

Nylse Helena da Silva Cunha

RESUMO

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como finalidade fundamental proporcionar o desenvolvimento integral das crianças de zero a cinco anos de idade. Nesse sentido, surge a contribuição da Educação Física na Educação Infantil, que assume uma função significativa na medida em que proporciona experiências que promovem o desenvolvimento integral da criança, suas habilidades motoras e sua socialização. Com a Educação Física na Educação Infantil, pode-se trabalhar o corpo de forma harmoniosa nos seus âmbitos físico, cognitivo, afetivo e social. Sendo assim, pretende-se nesse estudo responder ao seguinte questionamento: Como a Educação Física pode contribuir na formação da criança na Educação Infantil? O objetivo geral da pesquisa é mostrar a contribuição da Educação Física na Educação Infantil, e os objetivos específicos são: caracterizar Educação Infantil, explanando acerca do seu surgimento e sua evolução até os dias atuais; demonstrar as contribuições das atividades propostas nas aulas de Educação Física para a Educação Infantil; entender o papel dos jogos e brincadeiras na Educação Física no desenvolvimento integral da criança; e mostrar qual deve ser a função do professor de Educação Física na Educação Infantil. Optou-se por realizar o procedimento metodológico dentro de uma abordagem teórica, levando-se em conta os objetivos. Quanto à forma de estudo, optou-se por uma pesquisa exploratória, baseada em levantamento bibliográfico que formula a base da pesquisa.

Palavras-chave: Educação Infantil. Educação Física. Criança. Desenvolvimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A EDUCAÇÃO INFANTIL	17
1.1 O SURGIMENTO E A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	18
1.2 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 0 A 5 ANOS	24
1.2.1 O DESENVOLVIMENTO INFANTIL SEGUNDO VYGOTSKY	33
1.3 CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	35
2 JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	41
2.1 MOTRICIDADE INFANTIL.....	44
2.2 A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	46
3 O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	49
3.1 AULAS DE MOVIMENTO PARA O ENSINO INFANTIL	54
4 METODOLOGIA	58
4.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA.....	58
4.2 TÉCNICA PARA COLETAS DE DADOS	58
4.3 FONTES PARA COLETA DE DADOS.....	59
4.4 ANÁLISE DOS DADOS	60
5 RESULTADOS/DISCUSSÃO.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67

REFERÊNCIAS.....	70
-------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

A partir da Revolução Industrial, no século XVIII, foram criadas escolas para a educação infantil. As mulheres começaram a ingressar cada vez mais no mercado de trabalho, e a partir daí foram criados os primeiros estabelecimentos de Educação Infantil no Brasil, no final do século XIX. Até a década de 1920, esses estabelecimentos eram filantrópicos, período em que começou um movimento para tornar o ensino democrático. O poder público começou, gradualmente, a responsabilizar-se pela escola das crianças. Houve a criação de creches populares, mas nelas não havia nenhum programa educacional, pois a creche só garantia a alimentação, a higiene e a segurança física das crianças, sendo apenas um lugar para as crianças ficarem enquanto os pais não podiam ficar com elas, seja por motivos de trabalho ou outros. Na história recente do Brasil, com a criação da LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) no ano de 1996, instituiu-se a educação infantil (de zero a seis anos) como primeira etapa da Educação Básica, mas essa divisão de idade foi modificada em maio de 2005, com a sanção presidencial à lei Federal n.º 11.114, que decreta que crianças com seis anos de idade devem ingressar no Ensino Fundamental, no primeiro ano. Desse modo, a educação infantil atende, atualmente, crianças de zero a cinco anos de idade. Atualmente, com as novas estruturas familiares e trabalhistas, o ingresso das crianças em escolas que fornecem educação infantil passou a ser primordial aos grupos familiares e às crianças. A educação infantil não deve ser compreendida como a solução para os dilemas da primeira infância, mas não se pode ignorar as significativas funções que exerce na vida da criança: social, educacional e cultural (CAVALARO&MULLER, 2009).

A educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio são as três etapas da educação básica. Tratar da educação infantil é de suma importância, visto que a educação de crianças de zero a cinco anos de idade tem tomado cada vez mais espaço em dimensão global, de modo bastante rápido. Algo notório que pode estar contribuindo nessa questão é o fato dos pais trabalharem fora e terem a necessidade de matricular seus filhos pequenos em instituições encarregadas do cuidado e da educação dos mesmos.

De zero a três anos, as crianças são atendidas em creches, e de quatro a cinco anos, em pré-escolas. De acordo com a LDBEN, a educação infantil tem como objetivo “[...] o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996).

A escola infantil é um ambiente de experimentações diversas e de expansão das experiências individuais, culturais, sociais e educativas, por meio da inserção da criança em universos diferentes dos da família. É um local onde são propiciados momentos em que sejam constituídos o desenvolvimento da criança como um todo. A Educação Física contribui e muito para a Educação Infantil, no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor das crianças.

É possível afirmar que a Educação Física tem suas origens no Brasil colônia, em 1500, na forma de danças indígenas, surgindo logo depois a capoeira que era praticada pelos escravos. Sendo assim, pode-se dizer que a Educação Física surgiu no Brasil colônia por meio dos indígenas e dos escravos (SOARES, 2012).

A história da Educação Física está dividida em cinco tendências: Higienista (até 1930), Militarista (de 1930 a 1945) Pedagogicista (1945 a 1964) e Competitivista (1964 a 1985) (CASTELLANI FILHO, 1988). Em seguida, pode-se acrescentar a tendência da Educação Física Popular (1985 até os dias de hoje).

A tendência Higienista teve grandes influências da medicina e da eugenia¹, onde os hábitos mais valorizados eram o de higiene e de saúde, dando importância tanto ao progresso físico como ao moral, a partir da atividade física. Os professores eram da área médica e os alunos não podiam interagir com eles. Se houvesse algum aluno doente ou mais fraco, era proibido de participar das aulas. Não havia nenhuma preocupação com as questões pedagógicas escolares (CASTELLANI FILHO, 1988).

O higienismo e a eugenia são importantes para a inserção da Educação Física no meio escolar. Atualmente, a eugenia não se preocupa apenas com a raça branca, como sinal de pureza, mas sim com hábitos de higiene. Dessa forma, o higienismo está diretamente relacionado à eugenia na Educação Física, pois visa à

¹ Movimento científico e social que se fortaleceu entre o fim do século XIX e início do XX, buscando atingir a “raça pura”, valorizando a raça branca. Trabalhou com a saúde pública e a saúde psiquiátrica, dedicando-se a áreas como saneamento e higiene.

saúde física dos alunos. Cultivar bons hábitos de higiene antes e depois das aulas de Educação Física favorece a saúde.

A elite da época se preocupava muito com a saúde e com isso utilizou a Educação Física como uma forma de instruir as classes mais baixas, a fim de supervisionar e motivar a higiene pessoal. Essa supervisão era efetuada no início das aulas quando os alunos mostravam aos professores algumas partes do seu corpo como unhas, cabelos, pescoço, braços e pernas, demonstrando que estavam limpos. Alunos que cometessem qualquer deslize higiênico eram expulsos das aulas. Nessa época, o objetivo da Educação Física era proporcionar força e boa aparência aos indivíduos, além de se preocupar com a postura corporal e a influência médica (CASTELLANI FILHO, 1988).

A tendência Higienista finaliza em 1930, pois a partir de então o mundo não se preocupava mais com o progresso da medicina, e sim com a guerra, surgindo a tendência Militarista, moldada nos princípios e padrões próprios da instituição militar, visto que quem ministrava as aulas de Educação Física eram militares, que por sua vez aplicavam métodos disciplinares e hierárquicos severos, a fim de instruir o homem para ser bem educado, submisso e respeitoso em relação à hierarquia social (DEZANI *et al*, 2014). O conceito de eugenia vinha para melhorar/purificar a sociedade.

As quatro primeiras décadas do século XX no Brasil, particularmente, representam uma época em que o sistema educativo era totalmente influenciado pelos parâmetros ginásticos da instituição militar, e são marcadas pela militarização da escola, equivalendo à realização do programa de sociedade criado pela ditadura do Estado Novo². Na tendência Militarista, estava presente a eugenia para auxiliar na seleção de futuros soldados, que eram escolhidos segundo sua saúde, força e doutrina. Os mais fracos e incapazes eram excluídos, pois se o Brasil tivesse que ir à guerra, como de fato foi, era preciso homens saudáveis e fortes (DEZANI *et al*, 2014).

As mulheres começaram a frequentar as aulas de Educação Física, mas separadas dos homens, devido à rigidez dos exercícios masculinos. O propósito da inclusão das mulheres nas aulas de Educação Física era beneficiar a saúde

²A forte concentração de poder no Executivo federal, em curso desde fins de 1935, a aliança com a hierarquia militar e com setores das oligarquias, criaram as condições para o golpe político de Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, inaugurando um dos períodos mais autoritários da história do país, que viria a ser conhecido como Estado Novo.

feminina, mas na realidade a preocupação era com a saúde das futuras mães para que seus corpos estivessem preparados para uma gestação saudável. Como a tendência Militarista preocupava-se com homens fortes e saudáveis, para o nascimento de homens com tais atributos era preciso que suas mães também fossem saudáveis (CASTELLANI FILHO, 1988).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a partir de 1945, a Educação Física começou a ser influenciada pelo liberalismo americano. Nos Estados Unidos, conteúdos e práticas esportivas como o basquetebol e o voleibol passaram a fazer parte da Educação Física. Os americanos começaram a aplicar seus recursos financeiros em programas de atividades físicas e no preparo de esportistas. Essa tendência logo foi copiada pelo Brasil (CASTELLANI FILHO, 1988).

Surgiam cada vez mais escolas públicas no Brasil, e com isso a Educação Física passou a ser estimulada pela concepção desenvolvimentista do Governo de Juscelino Kubitschek e começou a ser incluída nos assuntos pedagógicos escolares, surgindo assim a tendência Pedagogicista. Sendo assim, a questão da saúde passa a ser abordada de modo teórico e as aulas de Educação Física passam a transmitir aos alunos conhecimentos acerca de primeiros socorros, higiene, prevenção de doenças e alimentação saudável (CASTELLANI FILHO, 1988).

A partir de então, a Educação Física ganha um importante reconhecimento, passando a ser considerada como um modelo educacional, pois seu objetivo era instruir o homem de modo integral, defendendo que a educação não se limitava apenas aos aspectos cognitivos e afetivos, mas também ao aspecto físico, deixando de ser ministrada de forma mecânica e dando oportunidade aos alunos de se relacionar com os professores.

Surge então a tendência Competitivista, que começou em 1964 e terminou em 1985. No início do ano de 1964, a ditadura militar retorna ao Brasil. Nessa mesma época, o Brasil conquista muitas vitórias no esporte, como o tricampeonato da seleção brasileira de futebol que aconteceu no México em 1970. A população brasileira passou a se dedicar aos esportes e o governo percebeu que, com isso, o povo se distraía das questões políticas, o que era bom para o governo, que passou a patrocinar as festas comemorativas de vitórias brasileiras nos esportes, incentivando cada vez mais a prática de esportes, com a finalidade de descobrir

atletas talentosos e fazer do Brasil um império olímpico (CASTELLANI FILHO, 1988).

Nessa tendência, há uma grande preocupação com a saúde física, pois os atletas tinham que estar saudáveis para vencer os campeonatos. Os militares se aproveitaram da preocupação com a saúde física para incentivar ainda mais a prática de exercícios físicos a fim de que o governo economizasse com a questão da saúde brasileira (CASTELLANI FILHO, 1988).

A ditadura começou a perder pouco a pouco o seu poder, a partir de meados dos anos 80, o que deu força aos movimentos democráticos. O governo militar não consegue transformar o Brasil num império olímpico, pois o país passa a perder em competições internacionais. Um presidente civil é eleito e a democracia retoma o seu poder, fazendo com que a Educação Física mergulhe na fase da tendência Popular, que iniciou em 1985 (CASTELLANI FILHO, 1988).

Um importante movimento que cresceu e se organizou nos municípios na década de 80 foi o Movimento Sanitário. Em 1986, acontece a 8ª Conferência Nacional de Saúde, onde o Conceito Ampliado de Saúde ganha reconhecimento, em que a saúde é abordada como um agrupamento de acontecimentos tanto biológicos quanto sociais, culturais e econômicos (FERREIRA& SAMPAIO, 2013).

A Educação Física contemporânea não faz distinção entre alunos mais hábeis e aqueles que apresentam alguma dificuldade, como acontecia na tendência Higienista. Pelo contrário, o profissional da Educação Física contemporânea deve trabalhar as limitações de cada aluno. No entanto, os hábitos de higiene priorizados pela tendência Higienista devem ser considerados atualmente, a fim de favorecer a saúde dos alunos.

Atualmente, não se busca a formação de soldados nas escolas como acontecia na tendência Militarista, nem tampouco a formação de atletas como na tendência Competitivista, mas a prática de esportes desta última tendência é realizada nas aulas de Educação Física atualmente, não com a finalidade de tal tendência, mas preocupando-se com a saúde. A Educação Física contemporânea se identifica um pouco com a tendência Pedagogicista, no que diz respeito à transmissão de conhecimentos sobre prevenção de doenças e alimentação saudável.

Concepções como a inclusão, o trabalho em equipe, o relacionamento interpessoal, a diversão e a qualidade de vida passam a fazer parte da Educação

Física marcada pela tendência Popular. Nessa tendência, o aluno passa a fazer parte do processo de ensino-aprendizagem, pois pode participar das aulas não apenas com sua presença, mas com suas ideias, críticas e sugestões. Sendo assim, o papel da Educação Física escolar contemporânea é promover atividades físicas com o intuito de desenvolver diversas aptidões do ser humano, não com o intuito de disciplinar, mas com o intuito de possibilitar o desenvolvimento físico, o intelecto e as emoções ao interagir com o outro e com o mundo (FERREIRA& SAMPAIO, 2013).

A LDBEN, em seu artigo 26, § 3º., garante a obrigatoriedade do ensino de Educação Física na educação básica, incluindo assim essa disciplina também na educação infantil, que atende crianças de zero a cinco anos. “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação infantil e do ensino fundamental [...]” (BRASIL, Medida Provisória nº. 746, de 22 de Setembro de 2016)

No entanto, percebe-se uma realidade um tanto diferente em algumas escolas de Educação Infantil, onde essa lei não é aplicada com abrangência, devido a ausência da Educação Física, um exemplo disso são alguns municípios do norte do Espírito Santo, como é o caso de Jaguaré, São Mateus, entre outros.

Na educação infantil, é essencial oportunizar o maior número de experimentações, mostrando um novo mundo onde a criança passa a estabelecer relações e semelhanças com um determinado meio social e físico, auxiliando no desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social. Sendo assim, a fim de promover o desenvolvimento integral da criança, é necessário que pessoas mais habilitadas disponibilizem desafios cada vez mais complexos. A Educação Física pode possibilitar isso de um modo bastante prazeroso, por meio de jogos e brincadeiras, envolvendo a cultura corporal da criança.

Neste sentido, o tema desta pesquisa é “Educação Física e sua contribuição na Educação Infantil”.A investigação sobre o tema em questão justifica-se pelo fato de que a Educação Física exerce uma função essencial na Educação Infantil, por proporcionar às crianças uma multiplicidade de experiências diversas nas quais elas possam criar ou descobrir novos movimentos, reinventar compreensões e concepções sobre o movimento e suas ações.

A Educação Física cria oportunidades de desenvolvimento do autoconhecimento ajudando na sua formação cognitiva e social. A Educação Física se atenta, especialmente, para o relacionamento entre o movimento humano e

outros campos educacionais, ou seja, relacionamento do desenvolvimento físico com o mental, social e o emocional na proporção em que eles vão progredindo.

Sendo assim, a Educação Física não é apenas uma disciplina onde se aprende teorias e técnicas esportivas, mas sim uma importante ferramenta educacional que estimula não apenas o aspecto físico do aluno, mas também os aspectos intelectual, social e emocional.

Pretende-se nesse estudo responder ao seguinte questionamento: “Como a Educação Física pode contribuir na formação da criança na Educação Infantil?”.

A seguir, a pesquisa traz como objetivo geral mostrar a contribuição da Educação Física na Educação Infantil, traçando como objetivos específicos:

- Caracterizar Educação Infantil, explanando acerca do seu surgimento e sua evolução até os dias atuais;
- Demonstrar as contribuições das atividades propostas nas aulas de Educação Física para a Educação Infantil;
- Entender o papel dos jogos e brincadeiras na Educação Física no desenvolvimento integral da criança;
- Mostrar qual deve ser a função do professor de Educação Física na Educação Infantil.

Desta forma, optou-se por realizar o procedimento metodológico dentro de uma abordagem teórica, levando-se em conta os objetivos. Quanto à forma de estudo, optou-se por uma pesquisa exploratória, baseada em levantamento bibliográfico que formula a base da pesquisa. Foram utilizados livros, periódicos, legislações, um projeto de pesquisa e uma monografia.

Para melhor exposição do tema, esta pesquisa está dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo faz uma reflexão baseada em alguns aspectos da Educação Infantil, explanando acerca do surgimento e a evolução da Educação Infantil, do desenvolvimento da criança de 0 a 5 anos e das contribuições da Educação Física na Educação Infantil. Os autores pesquisados neste capítulo foram: Oliveira (2010), Freire e Scaglia (2009), Nista-Piccolo e Moreira (2012), Gonçalves (2010), Vygotsky (1996 e 1998), Magalhães *et al* (2007) e Paschoal e Machado (2009).

O segundo capítulo trata da brincadeira na Educação Física e o desenvolvimento motor na infância, abordando a importância da motricidade para a

criança e a importância da ludicidade na Educação Física. Os autores pesquisados neste capítulo foram: Oliveira (2010) e Nista-Piccolo e Moreira (2012).

No terceiro capítulo, será abordado o papel do professor de Educação Física na Educação Infantil, explanando também acerca da importância das aulas de movimento para o ensino infantil. Os autores pesquisados neste capítulo foram: Nista-Piccolo e Moreira (2012), Mattos e Neira (2008) e Souza e Rojas (2008).

No quarto capítulo, apresenta-se os aspectos metodológicos da pesquisa e, no quinto capítulo os resultados obtidos na coleta de dados da pesquisa bibliográfica seguida da discussão dos seus achados.

Por fim, fazem-se as considerações finais e cita-se as referências utilizadas para a construção da pesquisa.

1 A EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (1998), as instituições de Educação Infantil têm o dever tanto de educar quanto de cuidar das crianças. Os novos objetivos para a Educação Infantil precisam estar ligados a padrões de qualidade, considerando a criança como um sujeito histórico possuidora de características sociais, ambientais e culturais. Para a manutenção da qualidade na Educação Infantil, é preciso considerar que a criança realiza interações e práticas sociais que lhes proporcionam recursos ligados às mais variadas linguagens e entra em contato com os mais diversos conhecimentos a fim de formar sua própria identidade (BRASIL, 1998).

A Educação Infantil tem o dever de oportunizar a todas as crianças o acesso a aspectos culturais que possam enriquecer o seu desenvolvimento e sua integração na sociedade. Dessa forma, as instituições de Educação Infantil cumprem uma função socializadora, “propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação.” (BRASIL, 1998, p.23)

As instituições de Educação Infantil são creches e pré-escolas que atendem crianças de zero a cinco anos, e nessas instituições é possível disponibilizar às crianças momentos em que ocorram o aprendizado por meio de brincadeiras ou o ensino de conteúdos através de atividades livres ou dirigidas, conduzidos pelos educadores. Cabe salientar que esses momentos de aprendizado devem ocorrer de forma integrada no processo de desenvolvimento infantil.

Sendo assim, educar significa oportunizar momentos de cuidados, brincadeiras e aprendizagens direcionadas de modo integrado e que venham favorecer o aperfeiçoamento das habilidades infantis de relação interpessoal, de ser e conviver com o outro em uma postura substancial de aceitação, gentileza e confiabilidade, e o alcance, pelas crianças, às informações mais complexas da realidade social e cultural. “Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades, afetivas, emocionais e estéticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.” (BRASIL, 1998, p.23)

1.1 O SURGIMENTO E A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A família foi a principal e única responsável pela criação e educação das crianças pequenas por muito tempo, particularmente as mães e outras mulheres. Após serem desmamadas, as crianças eram consideradas como pequenos adultos, ou seja, eram educadas para auxiliar os adultos em seu trabalho cotidiano, aprendendo o básico para sua integração no meio social (OLIVEIRA, 2010).

A Europa foi pioneira na educação infantil, pois foram em países europeus que surgiram, nos séculos XV e XVI, novos modelos educacionais, conforme aborda Oliveira (2010, p.59):

Nos séculos XV e XVI, novos modelos educacionais foram criados para responder aos desafios estabelecidos pela maneira como a sociedade europeia então se desenvolvia. O desenvolvimento científico, a expansão comercial e as atividades artísticas ocorridas no período do Renascimento estimularam o surgimento de novas visões sobre a criança e sobre como ela deveria ser educada. Autores como Erasmo (1465-1530) e Montaigne (1483-1553) sustentavam que a educação deveria respeitar a natureza infantil, estimular a atividade da criança e associar o jogo à aprendizagem.

A educação passou a ser considerada importante para o desenvolvimento social da criança, surgindo assim discussões acerca da escolaridade obrigatória, que se intensificaram em diversos países europeus nos séculos XVIII e XIX. Nesse período, as crianças passaram a ser consideradas como seres humanos que tinham necessidades e como elementos que geravam expectativas e precisavam de cuidados para serem preparadas para ingressar no mundo dos adultos, o que tornou a escola uma ferramenta essencial na vida das crianças que podiam frequentá-la (OLIVEIRA, 2010).

Já no decorrer no século XX, surgiram movimentos feministas, que reivindicavam creches para permitir igualdade de oportunidades de trabalho para as mulheres, em especial para as mães. No entanto, esses movimentos receberam pouco apoio dos especialistas em desenvolvimento infantil e em psiquiatria, que não eram a favor da separação precoce entre a mãe e a criança (OLIVEIRA, 2010).

Houveram descobertas científicas acerca do desenvolvimento infantil que passaram a defender o trabalho realizado nas creches e pré-escolas. Saliava-se “[...] forte valorização das relações interpessoais, da individualidade, do equilíbrio

emocional, do aprender a pensar e resolver problemas com autonomia.” (OLIVEIRA, 2010, p.80)

O século XX vivenciou um grande avanço tecnológico que gerou diversas transformações nas condições existentes para a educação infantil. Surgiram novos eletrodomésticos e alimentos pré-preparados que passaram a ser cada vez mais usados pela população, o que gerou uma grande mudança no trabalho doméstico das mulheres. Mães com qualificações profissionais melhores começaram a reorientar progressivamente seus afazeres em relação à educação dos filhos, adaptando uma quase especialização de suas tarefas pedagógicas domésticas, especialmente nas famílias de classe média da população de países de capitalismo avançado. Essas mulheres tinham a grande preocupação de monitorar o ambiente da criança pequena de forma que lhe fosse assegurado um desenvolvimento psicológico adequado, assim como era recomendado pelos especialistas nessa questão; além disso, surgiram várias literaturas baseadas em princípios científicos para auxiliar os pais, o que cresceu a procura por revistas especializadas (OLIVEIRA, 2010).

O direito da criança à infância passou a ser reconhecido, e ela deixou de ser um simples sujeito que tem necessidades e precisa de cuidados para ser um “sujeito social” ou “ator pedagógico”, ou seja:

[...] agente construtor de conhecimentos e sujeito de autodeterminação, ser ativo na busca do conhecimento, da fantasia e da criatividade, que possui grande capacidade cognitiva e de sociabilidade e escolhe com independência seus itinerários de desenvolvimento. (OLIVEIRA, 2010, p.81)

O intelecto infantil, suas formas de expressão e representação – seja em forma de desenhos, modelagens, pinturas, etc. – passaram a ser cada vez mais apreciados, da mesma forma pela indústria cultural e de entretenimento, além da publicidade. Além disso, surgiram brinquedos educativos e literatura apropriada para as crianças, assim como roupas, discos, espetáculos, espaços públicos e até pedagogias para elas. A escola maternal tornou-se um tipo de grande brinquedo educativo, e com isso os educadores tiveram que buscar formação escolar básica e/ou formação profissional especializada (OLIVEIRA, 2010).

Atualmente, na Europa, as condições, finalidades e técnicas de trabalho com as crianças em idade anterior à da escolaridade obrigatória, assim como os

requisitos de escolha e as formas de capacitação dos educadores, são muito diferentes em cada país. Algumas questões, no entanto, são comuns. “O debate não está mais centrado em se deve haver investimento na área da educação infantil, mas em *por que e para quem* ela existe e *como* organizá-la para oferecer serviços de qualidade.” (OLIVEIRA, 2010, p.82)

As instituições responsáveis pela educação infantil, nos tempos atuais, precisam promover o desenvolvimento da criança sob todos os aspectos – corporal, intelectual e afetivo –, a aprendizagem de diferentes meios expressivos e o preparo para a escola elementar (OLIVEIRA, 2010).

De forma diferente dos países europeus, no Brasil, os primeiros esforços para a organização de creches surgiram tendo como característica principal o assistencialismo, com o objetivo de ajudar as mulheres que tinham um emprego e não tinham tempo de cuidar dos filhos durante o dia. Outro fator que influenciou o surgimento de creches foram as atitudes de amparo aos órfãos que, mesmo com o auxílio que recebiam das pessoas da alta classe, tinham como objetivo:

[...] esconder a vergonha da mãe solteira, já que as crianças “[...] eram semprefilhos de mulheres da corte, pois somente essas tinham do que se envergonhar e motivopara se descartar do filho indesejado” (RIZZO, 2003, p. 37). Numa sociedade patriarcal, a idéia era criar uma solução para os problemas dos homens, ou seja, retirar dos mesmos a responsabilidade de assumir a paternidade. Considerando que, nessa época, não se tinhaum conceito bem definido sobre as especificidades da criança, a mesma era “[...] concebida como um objeto descartável, sem valor intrínseco de ser humano” (RIZZO, 2003, p. 37).Fatores como o alto índice de mortalidade infantil, a desnutrição generalizada e onúmero significativo de acidentes domésticos, fizeram com que alguns setores da sociedade, dentre eles os religiosos, os empresários e educadores, comesçassem a pensar num espaço de cuidados da criança fora do âmbito familiar. (PASCHOAL&MACHADO, 2009, p.82)

A partir daí, a sociedade passou a se preocupar com a criança, que começou a ser atendida fora do âmbito familiar. Famílias cujas condições financeiras eram melhores, tinham babás para cuidar dos filhos, enquanto os mais pobres tinham que deixar seus filhos sozinhos ou creches. As mulheres que trabalhavam fora de casa, tinham que deixar seus filhos em creches que atendiam em tempo integral; as mulheres operárias tinham que deixar seus filhos em creches públicas ou que cobrassem bem barato. Essas creches cuidavam da saúde das crianças, ensinando-as hábitos de higiene (PASCHOAL & MACHADO, 2009).

Com o passar do tempo, foram surgindo arranjos alternativos para atender aos filhos de mulheres mais pobres. Foi assim que surgiu a roda dos expostos, trabalho desenvolvido nas casas de Misericórdia. Segundo Paschoal e Machado (2009, p.82):

Uma das instituições brasileiras mais duradouras de atendimento à infância, que teve seu início antes da criação das creches, foi a roda dos expostos ou roda dos excluídos. Esse nome provém do dispositivo onde se colocavam os bebês abandonados e era composto por uma forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória e fixado na janela da instituição ou das casas de misericórdia. Assim, a criança era colocada no tabuleiro pela mãe ou qualquer outra pessoa da família; essa, ao girar a roda, puxava uma corda para avisar a rodeira que um bebê acabava de ser abandonado, retirando-se do local e preservando sua identidade.

A roda dos expostos durou por mais de um século e era a única instituição que acolhia crianças abandonadas no Brasil. Surgiram vários movimentos contra a roda dos expostos, mas foi apenas no século XX, mais especificamente em meados de 1950, que ela foi extinta (PASCHOAL & MACHADO, 2009).

Quando as atividades da roda dos expostos ainda estavam a todo vapor, no final do século XIX foram criadas várias creches através de organizações filantrópicas. Surgiram também jardins de infância.

As tendências que acompanharam a implantação de creches e jardins de infância, no final do século XIX e durante as primeiras décadas do século XX no Brasil, foram: a jurídica-policial, que defendia a infância moralmente abandonada, a médico-higienista e a religiosa, ambas tinham a intenção de combater o alto índice de mortalidade infantil tanto no interior da família como nas instituições de atendimento à infância. (PASCHOAL & MACHADO, 2009, p.83)

Nesta época, o médico Arthur Moncorvo Filho criou o Instituto de Proteção à Infância do Rio de Janeiro. Esse instituto atendia às mães grávidas pobres e prestava assistência aos recém-nascidos através da “distribuição de leite, consulta de lactantes, vacinação e higiene dos bebês.” (PASCHOAL & MACHADO, 2009, p.83)

Outra instituição importante criada nesta mesma época ano foi o Instituto de Proteção e Assistência à Infância, este precedeu, em 1919, a criação do Departamento da Criança, que fiscalizava as instituições infantis e combatia o trabalho das mães voluntárias que cuidavam dos filhos das trabalhadoras de modo precário.

Devido a muitos fatores, como o processo de implantação da industrialização no país, a inserção da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho e a chegada dos imigrantes europeus no Brasil, os movimentos operários ganharam força. Eles começaram a se organizar nos centros urbanos mais industrializados e reivindicavam melhores condições de trabalho; dentre estas, a criação de instituições de educação e cuidados para seus filhos. (PASCHOAL & MACHADO, 2009, p.83)

Sendo assim, a entrada cada vez maior de mulheres das classes médias da população no mercado de trabalho que favoreceu um crescimento significativo de creches e pré-escolas, especialmente as particulares.

As novas instituições de ensino infantil passaram a se preocupar com o desenvolvimento intelectual das crianças, trazendo novos valores em sua proposta pedagógica: a defesa de um modelo educativo que visa o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança pequena.

O aumento da demanda por pré-escola incentivou, na década de 70, o processo de municipalização da educação pré-escolar pública, com a diminuição de vagas nas redes estaduais de ensino e sua ampliação nas redes municipais, política intensificada com a aprovação da Emenda Calmon à Constituição Nacional (1982), que vinculava um percentual mínimo de 25% das receitas municipais a gastos com o ensino em geral. Em 1972 já havia 460 mil matrículas nas pré-escolas em todo o país. A referida pressão da demanda por pré-escola e os polêmicos debates acerca de sua natureza – assistencial *versus* educativa –, na segunda metade dos anos 70, dinamizaram as decisões na área. Em 1974, o Ministério de Educação e Cultura criou o Serviço de Educação Pré-Escolar e, em 1975, a Coordenadoria de Ensino Pré-Escolar. (OLIVEIRA, 2010, p.110-111)

Em 1977, a LBA (Legião Brasileira de Assistência) criou o Projeto Casulo, um programa nacional de educação pré-escolar de massa com o objetivo de ajudar as mães que queriam trabalhar, para aumentar a renda familiar. Esse projeto contava com monitoras que possuíam o segundo grau completo para planejar e monitorarem atividades educacionais, além de auxiliarem no combate à desnutrição (OLIVEIRA, 2010).

Para competir com a LBA, o governo federal criou a Fundação Mobral³ para atender a mesma clientela infantil. As monitoras dessa fundação tinham pouca escolaridade e coordenavam programas de atividades para a formação de hábitos, habilidades e atitudes. Assim como o Projeto Casulo, a Fundação Mobral visava

³Mobral: Movimento Brasileiro de Alfabetização. Criado pelo regime militar para erradicar o analfabetismo. Não conseguiu. Foi extinto em 1985.

atender as necessidades básicas das crianças, sem a preocupação com a aprendizagem (OLIVEIRA, 2010).

Foi a partir da Constituição de 1988 que a educação em creches e pré-escolas passou a ser reconhecida como um direito da criança e um dever do Estado a ser cumprido nos sistemas de ensino (OLIVEIRA, 2010).

Em 1990, foi promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente, que concretizou as conquistas dos direitos das crianças promulgados pela Constituição. Oliveira (2010, p.117) menciona que:

Na área da educação infantil, o debate que acompanhou a discussão de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) na Câmara de Deputados e no Senado Federal impulsionou diferentes setores educacionais, particularmente universidades e instituições de pesquisa, sindicatos de educadores e organizações não governamentais, à defesa de um novo modelo de educação infantil.

No ano de 1996, foi aprovada a nova LDBEN – Lei 9394/96 – que classifica a educação infantil como primeira etapa da educação básica. Essa lei representa um triunfo histórico que tira as crianças pequenas pobres de seu confinamento em instituições vinculadas a órgãos de assistência social. Diante do novo contexto mundial de globalização da economia e de expansão tecnológica das fontes de informação, surgido nas últimas décadas do século XX, essa lei propõe a reorganização da educação brasileira em alguns pontos: “Amplia o conceito de educação básica, que passa a abranger a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. [...] Aumenta as responsabilidades das unidades escolares (aí incluindo creches e pré-escolas) [...].”(OLIVEIRA, 2010, p.117-118)

Posteriormente à promulgação da LDBEN, surgiram fóruns estaduais e regionais de educação infantil como locais de reivindicações por mais investimento, por parte do governo, em programas de formação profissional para professores da área infantil. No final do século, constatam-se, também, duas tendências: a redução das taxas de natalidade e, conseqüentemente, da população infantil, e a inclusão de alunos com 6 anos de idade no ensino fundamental (OLIVEIRA, 2010).

Foram aprovadas novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, como o Parecer CNE/CEB nº. 20/09 (fundamenta que as creches devem funcionar durante o dia, num ambiente bastante claro) e a Resolução CNE/CEB nº. 05/09 (estabelece a obrigatoriedade da matrícula na educação infantil de crianças

que completam 4 ou 5 anos até 31 de março do ano em que ocorrera matrícula). Além disso, uma das estratégias das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil é a aquisição de brinquedos para serem utilizados nas escolas de Educação Infantil. Nesse sentido:

A aquisição de brinquedos para uso das crianças na Educação Infantil é uma estratégia de implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. A partir dessa perspectiva, as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras. (BRASIL, 2012, p.3)

Essas diretrizes reforçaram que a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como finalidade fundamental proporcionar o desenvolvimento integral das crianças de zero a cinco anos de idade, assegurando a cada uma delas o acesso a processos de construção de conhecimentos e a aprendizagem de diversas linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças (OLIVEIRA, 2010).

1.2 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 0 A 5 ANOS

Existem muitas controvérsias em relação às teorias sobre o conhecimento humano, mas tudo indica que nascemos não apenas para crescer, mas principalmente para aprender num processo contínuo. A herança genética não é suficiente para suprir o ser humano de todos os conhecimentos que ele precisa para a vida. Ao contrário dos animais irracionais, o ser humano não é guiado pelo instinto, mas pelo conhecimento que pode construir e acumular ao longo de sua existência.

Ao nascer, a criança já possui recursos biológicos. No entanto, eles não garantem seu desenvolvimento. Freire (2009) cita como exemplo a respiração, que é um recurso biológico da criança. No entanto, para respirar, a criança precisa do oxigênio que está presente no meio externo. Sendo assim, os recursos biológicos do

ser humano não são suficientes para seu desenvolvimento. “Parte do que ele precisa para viver não está nele, mas no mundo fora dele.” (FREIRE, 2009, p.20)

A gestação humana no útero materno dura somente nove meses. Em relação a outros animais, o ser humano nasce muito grande e antes do tempo. A aparência do bebê é semelhante ao feto, como se a sua formação biológica precisasse de algum desenvolvimento. Cabe dizer que, se o ser humano nasce antes do tempo, necessita concluir a gestação que foi interrompida, ainda que ela ocorra fora do útero materno. Na segunda gestação, aprende-se o que não foi possível aprender no útero materno, ou seja, essa gestação acontece no útero cultural e no decorrer da vida, principalmente durante a juventude. Portanto, os seres humanos são animais com grande potencial de aprendizado, visto que aprender é a condição primordial para a vida. Considerando que o meio em que vivemos não é natural, mas cultural, e que a cultura humana transforma-se constantemente, temos que viver aprendendo continuamente (FREIRE& SCAGLIA, 2009).

Sendo assim, o desenvolvimento de uma criança não está relacionado apenas aos aspectos biológicos ou genéticos, mas é influenciado, também, pela cultura presente no meio em que vive que pode proporcionar um cenário da evolução do bebê ao idoso. O desenvolvimento humano está ligado às relações que o indivíduo faz com o outro e com o mundo físico.

A aprendizagem é um processo que acontece por meio de interações sociais e experiências de vida. Dessa forma, as características que uma pessoa apresenta não são formadas apenas pela herança genética, mas principalmente pelo seu convívio social e aprendizado histórico-cultural.

O desenvolvimento do ser humano se dá por meio de processos de amadurecimento que se dividem em períodos, os quais, na Educação Infantil, correspondem às seguintes etapas: “[...] da vida intrauterina ao nascimento, do recém-nascido aos três anos, contemplando a primeira infância; e dos três aos seis anos, fase esta denominada de segunda infância.” (NISTA-PICCOLO& MOREIRA, 2012, p.41)

A primeira infância é caracterizada pelo crescimento físico, onde se desenvolvem as habilidades motoras, e pela aquisição da linguagem. Já a segunda infância é caracterizada pela conquista da autonomia, em que a criança aprende a cuidar de si mesma e desenvolve a criatividade e a imaginação. Na segunda infância, as crianças ganham força muscular e habilidades motoras, mas o

fundamento das atividades está nas brincadeiras (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012).

Freire (2009) classifica a primeira infância como o período relacionado ao nascimento até aos cinco anos de idade, em que a criança frequenta creches e pré-escolas. Já na segunda infância, a criança ingressa no ensino fundamental. Apesar de divergências de teorias acerca da primeira e da segunda infância, o importante nesta pesquisa é a caracterização da faixa etária da Educação Infantil, que é de zero a cinco anos.

Como mencionado por Nista-Piccolo e Moreira (2012), é a partir dos três anos de idade que a criança passa a desenvolver as habilidades motoras. “Assim, com o surgimento das habilidades motoras, principalmente na Educação Infantil, se faz necessário começar atividades esportivas para melhorar o desenvolvimento motor.” (GONÇALVES, 2010, p.18)

A criança desenvolve-se melhor fisicamente quando pratica, frequentemente e progressivamente, atividades motoras compatíveis com sua idade. Para que a criança aprenda a se movimentar de forma efetiva, é preciso que tenha a oportunidade de praticar sua locomoção, experimentando-a de diversas formas e em diferentes ambientes. Assim, a criança passa a ter, cada vez mais, controle de seus movimentos a cada exploração.

O bebê, por exemplo, ao experimentar movimentos compatíveis com sua idade, a partir de brinquedos apropriados, desenvolve-se de forma mais rápida do que o bebê que não tem acesso a brinquedos compatíveis com sua idade, favorecendo seu processo de maturação. É através das atividades motoras que as crianças aprimoram suas noções de volume, forma e textura, além de aprender como funcionam determinados utensílios domésticos ou até mesmo brinquedos diferentes. Dessa forma, o brinquedo favorece o desenvolvimento, pois é com ele que a criança passa a ter motivação, pois brincar é prazeroso para ela; além disso, a criança desenvolve capacidades e condutas indispensáveis à sua prática social, a qual só pode ser totalmente adquirida com o auxílio de seus colegas da mesma idade e com crianças mais velhas (VYGOTSKY, 1998).

Na segunda infância, fase pré-escolar, as crianças movimentam seus corpos para se posicionarem diante de alguma situação, para contarem histórias ou, tão somente, como consequência de suas observações e fantasias. A fim de contribuir para seu desenvolvimento, as atividades propostas precisam englobar os grandes

grupos musculares. Os movimentos exploratórios podem auxiliar no ganho de força, rapidez e flexibilidade. Essa é a fase mais apropriada para o emprego das atividades ritmadas, especialmente aquelas que abrangem as percepções corporais e a memorização (NISTA-PICCOLO& MOREIRA, 2012).

Dessa forma, o educador precisa propor atividades que estimulem o movimento da criança, mas dentro de um contexto de aprendizagem, onde a criança se movimenta com um propósito, para atingir determinado objetivo. Não basta apenas se movimentar, é preciso se movimentar adequadamente para o ganho de aprendizagem, seja ela de ordem física e/ou intelectual.

No âmbito social, o desenvolvimento da maturidade na fase pré-escolar é mais demorado e varia de acordo com as relações da criança na escola e em casa com a família, mas empregar propostas de atividades que incluam expressões de afeto através de seus movimentos pode tornar mais fácil o entendimento da criança acerca de certas questões afetivas (NISTA-PICCOLO& MOREIRA, 2012).

Sendo assim, é necessário que as brincadeiras, na Educação Infantil, contemplem, além da promoção do desenvolvimento motor, a promoção do desenvolvimento social, com a interação com o outro, a fim de contribuir para que a maturidade das crianças progrida de forma mais ampla.

Nesse sentido, é importante que as brincadeiras contemplem certos princípios, como a lealdade e a honestidade, contanto que sejam muito bem explicados para as crianças. Esse tipo de brincadeira ajuda na identificação própria e promove na criança a percepção de si mesma, além de atender a necessidades que a criança está apresentando no momento.

“Com atividades lúdicas que impliquem cooperação, participação, responsabilidade, é possível ajudar a criança a diminuir o medo de errar e desenvolver seu autoconceito.” (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012, p.43). De acordo com os autores:

Na primeira infância, há intenso relacionamento do estado emocional com a atividade física; portanto, brincadeiras que promovam a expressão de alegria, tristeza, raiva ou outras emoções são facilmente representadas pelo comportamento motor alterando o tônus muscular, assim como as atividades físicas excitantes influenciam o aspecto emocional. Com isso, podemos afirmar que a inclusão de movimentos para crianças de zero a três anos, além de ter como objetivo um fim em si mesmo, ou seja, a aquisição de habilidades motoras, pode ser um meio que promove o desenvolvimento afetivo-social. (NISTA-PICCOLO& MOREIRA, 2012, p.43-44).

Percebe-se que, na primeira infância, a atividade física promove o desenvolvimento emocional da criança, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento tanto afetivo quanto social, permitindo à criança estabelecer relações sociais com crianças da mesma faixa etária e facilitar a sua comunicação com os educadores, demais profissionais da escola e com a família.

Além disso, existe uma íntima ligação entre a dimensão motora e os elementos cognitivos, que exigem habilidades de entendimento e raciocínio. Por intermédio de tarefas motoras, a criança aperfeiçoa seu raciocínio e incentiva sua criatividade. Existe uma lista muito grande de atividades motoras que também contribuem para o aprimoramento da atenção, da concentração, da memória e da compreensão de regras. Mas, em todas as fases, percebe-se que o trabalho com situações-problema estimula a mentalidade das crianças. São recursos que promovem novas possibilidades de exploração de suas competências (NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2012).

Apesar de existirem muitas teorias acerca do crescimento e do desenvolvimento humano centradas na psicologia, que apresentam divisões distintas das etapas pelas quais passamos, existe concordância de alguns pressupostos ligados às dimensões que englobam as perspectivas de desenvolvimento.

Um desses pressupostos é que a criança vai desenvolvendo e melhorando sua capacidade de movimentar-se, assim como seus reflexos, obtendo cada vez mais habilidades por meio de suas explorações, descobertas corporais e estruturações de esquemas de ação, reforçando suas inteligências (NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2012).

Essa afirmação é verdadeira, pois é possível perceber que, à medida que a criança se desenvolve, adquire cada vez mais experiências advindas tanto dos acontecimentos cotidianos quanto das relações sociais, o que contribui também para o seu desenvolvimento intelectual. Ao movimentar-se, a criança estabelece relações com o mundo e com as pessoas que a cercam, podendo explorar diversos movimentos corporais, assimilando-os com determinados princípios de convivência social.

A linguagem, o desenho e a imitação são parcelas da estruturação de suas ações, no âmbito das representações, mas é mediante a expressão dos movimentos que essas estruturas se revelam com maior facilidade de comunicação. O

desenvolvimento humano é consequência de uma pluralidade de acontecimentos ao longo da vida, recebendo influência da família, dos amigos, pelo meio em que a criança vive e pela cultura da sociedade em geral. Dessa forma, as situações experimentadas nos primeiros anos de vida podem determinar muitas características pessoais (NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2012).

As ocasiões oportunizadas para que a criança manifeste suas expressões de linguagem simplificam a compreensão de si próprio, o acesso ao conhecimento, a oportunidade de se comunicar com o corpo e de inventar. Por meio do movimento corporal, é possível expressar sentimentos, demonstrar suas preferências, etc., ou seja, a criança descobre sua própria identidade.

Muitos estudos atuais acerca da natureza do conhecimento humano apontam quatro fatores de desenvolvimento, que são: “a maturação, a experiência ativa, a interação social e uma sucessão geral do equilíbrio, traduzida como equilíbrio, essencialmente voltados à cognição.” (NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2012, p.46)

Trazer o movimento para a brincadeira promove a maturação da criança, pois ela interage com o ambiente e com as pessoas que a cercam, e com isso ocorre um processo de ensino-aprendizagem com ganho de diversos tipos de experiências, e principalmente com a interação social, a criança desenvolve sua maturidade. A experiência ativa também acontece na interação social e na interação com o meio, pois por meio das experiências adquiridas, a criança pode colocá-las em prática, podendo assim adquirir experiências novas ao atingir determinado objetivo.

A socialização é essencial para o desenvolvimento da criança. As habilidades cognitivas e os meios de estruturação do pensamento da criança são fortemente influenciados pelas atividades que ela pratica segundo os costumes sociais da cultura que a cerca, quer seja em família, quer seja na escola (VYGOTSKY, 1998).

A interação social já ocorre automaticamente quando as brincadeiras que priorizam o movimento acontecem de forma coletiva. Além disso, movimentando-se constantemente, por meio de várias tentativas, a criança ganha equilíbrio; por exemplo, uma criança inicialmente tem dificuldade para subir uma escada em um brinquedo, mas com o passar do tempo, depois de algumas tentativas e com o ganho de experiência, a criança ganha equilíbrio e sobe a escada sem nenhuma dificuldade.

Pode-se dizer que as características individuais aliadas às interações realizadas no decorrer do crescimento humano promovem o desenvolvimento da

criança em todos os aspectos. A família e os professores influenciam grandemente no processo de desenvolvimento humano.

Todas as crianças precisam ser incentivadas a explorar suas ideias e seus interesses, pois o conhecimento é construído através das experiências vividas em suas ações e observações, desde que essas experiências sejam vivenciadas com atenção e percepção corporal (NISTA-PICCOLO& MOREIRA, 2012).

Quando a criança explora seus interesses e ideias, conseqüentemente estabelece uma relação com o outro, pois não é possível fazer essa exploração de forma individual. Assim, a criança desenvolve-se também socialmente.

As crianças de 0 a 5 anos exercitam de forma intensa suas funções simbólicas, pois é nessa fase que aprendem a lidar com os símbolos. As crianças ingressam na Educação Infantil quando começam a falar, ou seja, entre 18 e 24 meses de vida (FREIRE& SCAGLIA, 2009).

É difícil encontrar uma criança menor de 6 anos que esteja praticando uma atividade livre e que não esteja fantasiando ao mesmo tempo, ou seja, que não esteja brincando com os símbolos. Dessa forma, as escolas infantis deveriam ser cheias de símbolos, imaginação e fantasia (FREIRE& SCAGLIA, 2009).

As escolas infantis devem propor atividades que promovam a imaginação e a fantasia. As atividades não podem ser monótonas, mas devem proporcionar prazer à criança. Se o prazer não estiver ligado ao aprendizado, a criança não terá interesse em realizar as atividades propostas pela escola.

A compreensão do desenvolvimento das funções simbólicas de uma criança não é tão diferente da compreensão das suas habilidades motoras. Durante a fase pré-verbal, uma criança saudável desenvolve todas as coordenações motoras que precisará para o resto da vida. Quando a criança chega na fase verbal, a motricidade se desenvolve num processo contínuo, num jogo de associações que ocasionam uma complexidade incomparável (FREIRE&SCAGLIA, 2009).

Em seus primeiros meses de vida, a criança tem dificuldade de segurar determinados objetos ou de começar a andar. Antes de andar sozinha, com firmeza e confiança, a criança cambaleia, tropeça, cai, levanta, se escora e pede ajuda, e isso acontece o mesmo com as representações mentais, visto que, desde o momento em que as primeiras imagens são formadas na mente da criança, a mesma tenta reuni-las em grupos que representam a concordância entre elas e as experiências em seu espaço cultural. Essas imagens surgem aproximadamente aos

sete meses, e num determinado momento a criança aprende a falar, e isso mostra que ela possui coordenações mentais e representações simbólicas boas. A partir daí, ela passa a fantasiar e a imaginar, ou seja, passa a ver dentro de si tudo que observa no mundo real. Ela percebe ser capaz de modifica-las, de inventar outras ou de substituí-las, e isso lhe satisfaz de tal forma, que preenche quase o seu tempo inteiro nessa prática (FREIRE& SCAGLIA, 2009).

Todo aprendizado adquirido nos primeiros meses de vida se transforma em jogo na mente da criança, pois ela passa a representar mentalmente cada aprendizado adquirido. Dessa forma:

Assim como a criança brinca com os conhecimentos de se arrastar, andar, pegar, lançar ou resmungar, ela, quando aprende a representá-los mentalmente, passa a jogar com isso. O jogo [...] encarrega-se de garantir o exercício de funções vitais para todos nós as representações mentais são a principal habilidade da espécie humana, distinguindo-nos das outras espécies animais e garantindo a construção da cultura humana. (FREIRE&SCAGLIA, 2009, p.15-16)

Sendo assim, a escola precisa investir na habilidade de representações mentais da criança através do jogo, que é uma importante atividade simbólica, visto que a habilidade dessas representações é construída durante a primeira e a segunda infância, ou seja, no período correspondente à Educação Infantil.

O Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (1998) menciona que, para crescer, a criança tem a necessidade de brincar e ter alegria, sendo o jogo um elemento importante para esse crescimento, pois o mesmo proporciona equilíbrio entre a criança e o mundo, e por meioda ludicidade presente nos jogos e nas brincadeiras representadas na ação motora que a criança se desenvolve e aprimora suas capacidades físicas e intelectuais (GONÇALVES, 2010).

Através das interações e das brincadeiras, a criança descobre e aprimora novas capacidades que contribuem para a sua autonomia, ou seja, faz com que a criança aja cada vez mais de forma independente acerca do mundo que a rodeia. É nos primeiros anos de vida que o ser humano necessita bastante do auxílio dos adultos na interpretação da definição dos seus movimentos e expressões; dessa forma, os adultos ajudam as crianças em suas dificuldades específicas.

Os conhecimentos adquiridos e as experiências vivenciadas na ZPD contribuem para o desenvolvimento da criança. Nesse aspecto, cabe ao educador

intervir entre a criança e o mundo, sendo um facilitador do processo de ensino-aprendizagem.

É por meio das relações coletivas que a criança constrói suas bases psicológicas. As relações envolvem mediadores inabilitados (crianças da mesma faixa etária) e mediadores mais habilitados (como a família e o educador), que colaboram de tal forma para o desenvolvimento infantil até que as habilidades parciais adquiridas pela criança se tornem totais (VYGOTSKY, 1996).

É ao longo dos seis primeiros anos que as habilidades motoras fundamentais afloram na criança e aprimoram-se à medida que ela se desenvolve em relação aos movimentos de equilíbrio, deslocamento e manuseio de objetos. Nesse sentido, o desenvolvimento motor pode ser entendido como um processo vasto e progressivo, que começa ao nascimento e acompanha o ser humano até a idade adulta. Esse processo evolui à medida que o indivíduo aprende movimentos simples e os aprimora, conseguindo movimentar-se de forma mais complexa.

Assim, a criança aos dois anos aproximadamente já corre bastante bem, sem cair. Sobe e desce escada sozinha, colocando ambos os pés em um degrau e logo os dois no seguinte, e assim sucessivamente. A partir dos três anos, já é capaz de pedalar um triciclo. Superando a tarefa de controlar e coordenar os músculos, dessa forma começa a aprimorar com prazer e alegria seus movimentos. Para tanto, a forma lúdica da ação motora deve ser bastante flexível, permitindo a incorporação de múltiplas habilidades. Através da imitação e representação, além das formas lúdicas de brincar, forma-se o meio ambiente social da criança, fatores estes que irão interferir diretamente na aquisição de suas habilidades. (GONÇALVES, 2010, p.18-19)

É na Educação Infantil que acontecem transformações significativas no processo cognitivo da criança. As observações da criança passam a ser associadas por ela aos nomes abstratos que aprendeu a colocar em objetos, circunstâncias e reuniões sociais. Até essa fase, a criança direciona sua atenção ao seu próprio corpo, passando a controlá-lo (GONÇALVES, 2010).

Quando a criança chega aos 4, 5 anos, a mesma passa a exercer o companheirismo, fazendo amizades, que em geral são entre crianças do mesmo sexo. Esses laços de amizade contribuem significativamente para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois possibilita à mesma a prática de várias habilidades sociais (GONÇALVES, 2010).

Ao interagir com o outro, existe troca de conhecimentos e experiências de aspectos físicos, motores, emocionais e sociais, e isso promove tanto o

desenvolvimento motor da criança quanto o seu desenvolvimento social, facilitando assim sua comunicação com o outro. Além disso, ao ganhar habilidades sociais, a criança aprende a tratar o outro com respeito, podendo esse aprendizado ser levado para a vida toda.

A idade pré-escolar é a etapa fundamental da vida de uma criança, pois todos os acontecimentos dessa etapa ficam guardados para sempre. Se a criança tiver boas experiências, boa alimentação, todo o cuidado e educação que precisa nessa etapa, será um adulto com boa saúde mental e corporal. A personalidade da criança é formada desde ao nascimento até os 6 anos de idade. Sendo assim, nessa etapa da vida, todas as experiências que a criança vivenciar serão determinantes na formação da sua personalidade, e se as suas necessidades não forem atendidas adequadamente, poderá ter sequelas em seu equilíbrio, em sua coordenação motora e na organização de ideias (GONÇALVES, 2010).

Dessa forma, a família e os professores podem contribuir grandemente na formação da personalidade da criança. Se estes importantes interventores conceder pequenas responsabilidades à criança, a mesma irá aprender como falar sobre o que deseja, e, além disso, sua capacidade de iniciativa será reforçada.

É importante salientar que a criança deve passar por todas as etapas, e a velocidade do desenvolvimento infantil varia de acordo com cada criança. Dessa forma, o desenvolvimento é uma transformação complexa e progressiva, que abrange não apenas o crescimento, mas o desenvolvimento da maturidade, do aprendizado e dos aspectos psicossociais.

1.2.1 O DESENVOLVIMENTO INFANTIL SEGUNDO VYGOTSKY

O desenvolvimento humano está baseado nos fatores biológico, histórico e social, visto que o homem vive em sociedade e interage com o outro e com o mundo na dimensão social (VYGOTSKY, 1996).

A criança não pode ser estudada apenas pelo ponto de vista biológico, pois a mesma vive em sociedade, a começar pela família. Em seus primeiros meses de vida, a criança interage exclusivamente com a família, mas com o passar do tempo, passa a interagir com outras crianças e outros adultos. Além disso, existe todo um

histórico de desenvolvimento, que é construído principalmente junto com a família. E é por isso que, no desenvolvimento do ser humano, devem ser lavados em conta os aspectos biológicos, históricos e sociais.

O desenvolvimento dos aspectos e comportamentos individuais está diretamente relacionado às trocas com o coletivo, ou seja, com as relações interpessoais que o homem estabelece (VYGOTSKY, 1998).

Vygotsky considera o desenvolvimento humano com um processo dependente da aprendizagem, e o autor faz essa referência pelo fato do homem ser um ser social e, por causa disso, interage socialmente e aprende com o outro, principalmente no ambiente escolar.

Os fatores biológicos não são suficientes para promover o desenvolvimento da criança, muito menos sua aprendizagem. Não se pode pensar que, com o tempo, as heranças biológicas serão o bastante para que a criança se desenvolva sozinha, pois ela não dispõe de ferramentas para isso. Ao contrário, o desenvolvimento da criança se dá através das experiências que adquire no meio social (VYGOTSKY, 1996).

Nesse aspecto, a criança é reconhecida como indivíduo capaz de pensar e de associar suas atitudes à reprodução de mundo que forma sua cultura, sendo a escola um ambiente e um período onde este desenvolvimento é experimentado, onde o processo de ensino-aprendizagem depende das relações interpessoais.

No âmbito das relações interpessoais, está a ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal), que corresponde à distância entre o nível de desenvolvimento individual onde a criança consegue desenvolver suas atividades de forma independente, e o nível de desenvolvimento coletivo onde a criança precisa da ajuda do outro (VYGOTSKY, 1996).

Temos, assim, uma relação entre desenvolvimento e aprendizagem, que acontece da seguinte forma: em um cenário cultural, amparada biologicamente, a criança se desenvolve por meio de instrumentos de aprendizagem ocasionados por mediadores.

É interessante destacar que, o mais importante no processo de ensino-aprendizagem infantil, é analisar não apenas o que a criança desenvolveu em, mas principalmente o que ela está desenvolvendo, aprendendo (VYGOTSKY, 1996).

Sendo assim, cabe ao educador ser um mediador que compreenda que a criança está em um processo de transformação contínuo, concentrando-se no

momento de aprendizagem atual da criança. É claro que é essencial analisar o que a criança já aprendeu, mas como a criança se desenvolve continuamente, é preciso analisar com mais atenção o seu desenvolvimento atual, o que ela está aprendendo ou não, intervindo da melhor forma possível nesse processo.

A fim de proporcionar à criança um desenvolvimento mais significativo, a Educação Física contribui grandemente nesse aspecto, principalmente em relação aos jogos e brincadeiras, priorizando o movimento, ampliando assim os aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais da criança, oportunizando experiências corporais que só essa disciplina nas suas atribuições é capaz de fazer. As contribuições dessa disciplina para a Educação Infantil serão apresentadas a seguir.

1.3 CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O trabalho com movimento abrange a pluralidade de finalidades e expressões do ato motor, proporcionando um grande desenvolvimento de aspectos exclusivos da motricidade das crianças, englobando uma reflexão sobre as posturas corporais incursas nas atividades cotidianas, assim como atividades direcionadas ao desenvolvimento da cultura corporal de cada criança.

Desse modo, a Educação Física escolar visa desenvolver a visão pedagógica, que passa a preocupar-se não apenas com o desenvolvimento intelectual da criança, mas também com o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e sociocultural.

Em vista disso, a Educação Infantil deve ser um espaço de explorações e de expansão das experiências individuais, culturais, sociais e educativas, por meio da inclusão da criança em universos diferentes dos da família. Um local e um momento em que sejam agregados o desenvolvimento da criança, o mundo em que vive e sua subjetividade com os cenários sociais e culturais que a rodeiam, por meio das incontáveis experiências que ela precisa ter (GONÇALVES, 2010).

Por isso, as instituições de educação infantil devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas e, ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiado for esse ambiente, mais ele lhes possibilitará a ampliação de conhecimentos acerca de si mesma, dos outros e do meio em que vivem. (GONÇALVES, 2010, p.20)

Pode-se dizer que a Educação Física tem uma função essencial na Educação Infantil, pelo fato de oportunizar às crianças uma pluralidade de experiências por meio de circunstâncias onde elas possam criar, inventar, descobrir movimentos novos, reproduzirem compreensões e ideias acerca do movimento e suas ações (GONÇALVES, 2010).

A criança vive num mundo de fantasia, que lhe permite inventar movimentos, e com essa invenção a criança acaba aprendendo novos movimentos. Sendo assim, a Educação Física, na Educação Infantil, proporciona à criança múltiplas experiências que lhe permite desenvolver-se de forma integral.

Além disso, é um ambiente que proporciona às crianças o descobrimento dos próprios limites, o enfrentamento de desafios, o conhecimento e valorização do próprio corpo, relacionando-se com outras pessoas, percebendo a origem do movimento, expressando sentimentos com a utilização da linguagem corporal, numa atuação consciente e crítica (GONÇALVES, 2010).

Na Educação Infantil, a criança procura experiências em seu próprio corpo, elaborando ideias e associando o arranjo corporal (GONÇALVES, 2010). Pode-se dizer que a Educação Física é uma atividade ativa que auxilia na formação ampla da criança, em suas questões sociais e em sua evolução individual, por meio de atividades lúdicas que propiciam equilíbrio entre o físico da criança e o espaço que a rodeia.

Dessa forma, os movimentos proporcionam uma maior proximidade com o universo da criança aprimoram a condição física e de saúde, auxiliam no desenvolvimento e no comportamento cognitivo e afetivo-social.

Enquanto disciplina existente no currículo escolar, a Educação Física assume uma função significativa na medida em que proporciona o ambiente apropriado para a criança. Ela pode proporcionar também experiências que envolvem a colaboração e promovem o desenvolvimento integral do aluno, suas habilidades motoras e sua socialização. Desse modo, pode-se trabalhar o corpo de forma harmoniosa nos seus âmbitos físico, cognitivo e psicossocial (GONÇALVES, 2010).

Magalhães *et al* (2007) concordam com Gonçalves (2010), quando afirmam que a Educação Física exerce uma função de grande contribuição na Educação Infantil, visto que nas primeira e segunda infâncias, a criança está em pleno desenvolvimento de suas habilidades motoras, cognitivas, emocionais e sociais, saindo da fase individualista e passando para a fase da convivência coletiva. As

autoras ainda mencionam que a aula de Educação Física é o momento apropriado para a aquisição de conhecimentos que se dá por meio das brincadeiras, desenvolvendo assim as habilidades cognitiva, afetiva-social, motora e emocional simultaneamente.

As habilidades motoras que a Educação Física pode desenvolver na criança, segundo Freire e Scaglia (2009), são:

- **Deslocamento** – para garantir abrigo, alimentação e reprodução, numa complexa trama cultural, precisamos nos deslocar de um lugar para outro. Não exercitar essa locomoção pode acarretar diversos problemas, inclusive de saúde. São habilidades de locomoção: andar, correr, saltar, desviar, rolar, girar, abaixar, levantar, contornar, subir, descer e escorregar;
- **Manipulação** – integrada a outras coordenações, a manipulação é responsável, em boa parte, pela construção da cultura humana. São habilidades de manipulação: segurar, lançar, chutar, bater, rebater, equilibrar, apertar, afrouxar e tocar;
- **Estabilização** – as habilidades de estabilização são as que dão sustentação às demais habilidades (deslocamento e manipulação). Inevitavelmente, integram-se ao exercício das outras duas. São habilidades de estabilização: equilibrar-se, ficar em pé, ficar deitado, ficar agachado, apoiar-se e mobilizar-se;
- **Desporto** – trata-se de combinações de diversas habilidades para formar conjuntos particulares aplicados aos esportes ou às suas adaptações. São habilidades desportivas: desarmar, driblar, fintar, cabecear, finalizar, conduzir, antecipar e controlar;
- **Capacidades motoras** – capacidades motoras são qualidades físicas que são sustentação às realizações dessa natureza. Capacidade refere-se a potencial, poder, faculdade. São capacidades motoras: força, resistência, agilidade, velocidade e flexibilidade.

As habilidades sociais são: cooperar, solidarizar-se, organizar grupos, discutir temas, competir e construir regras. As habilidades afetivas são: amor, altruísmo, agressividade e violência (muitas atividades mobilizam ações agressivas e violentas, que devem ser observadas e devidamente orientadas pelo professor), fraternidade e confiança. As habilidades intelectuais são: táticas, diálogos, teorias, textos, tomada

de consciência da prática, imitações e criações. As habilidades perceptivas são: sensibilidade, noção de tempo, noção de espaço e noção do próprio corpo (FREIRE& SCAGLIA, 2009).

Quanto às habilidades simbólicas, Freire e Scaglia (2009, p.53) abordam que: “[...] na educação do ser humano – não importa se realizada na escola ou fora dela – todas as coisas registradas pelos nossos sentidos são representadas mentalmente ou simbolizadas.”. Sendo assim, a habilidade simbólica que a Educação Física desenvolve nas crianças é a imaginação.

Além disso, a Educação Física desenvolve nas crianças uma habilidade especial: passar. Conforme abordam Freire e Scaglia (2009, p.53):

No caso dos jogos com bola, no momento em que o jogador está de posse da bola, ela lhe pertence. O objeto mais importante do jogo, aquele pelo qual todos pelejam, pertence, num dado instante, àquele jogador. Não é, portanto, fácil desprender-se dele.

Esse problema pode ser notado nos jogos com bola entre crianças com 5 anos de idade: a criança que pega a bola fica o máximo de tempo possível com ela e não quer passá-la. É importante ensinar as crianças a passar a bola, ou seja, a cooperar, visto que, no caso dos jogos, cooperar significa compartilhar regras, objetos, sentimentos, etc. com os companheiros de equipe, com a finalidade de superar todos os obstáculos existentes e aqueles que ainda irão surgir (FREIRE& SCAGLIA, 2009).

A habilidade de passar é a que determina o êxito no jogo, pois em grupo o êxito está ligado diretamente à habilidade de agir de forma coletiva. Nos jogos com bola, cooperar é, acima de tudo, passar. Quem joga coletivamente coopera. As crianças que não querem passar a bola acabam colocando o interesse pessoal (de tê-la em sua posse) acima do interesse da equipe, atrapalhando a cooperação. Portanto, na prática da Educação Física, quando o conteúdo é o jogo de bola, cooperar é, principalmente, passar.

A Educação Física está inserida na educação, sendo assim deve estar presente na Educação Infantil, pois a partir de atividades que estimulem o movimento, a criança descobre o próprio corpo e alcança a consciência corporal, chegando a dominar o movimento. Dessa forma, a criança desenvolve-se em sua totalidade, ou seja, de forma integral.

O termo “consciência corporal” – ou corporeidade – significa “o entendimento do corpo em sua totalidade, aquele que é dotado de motricidade, de sensibilidade, de inteligência e de transcendência.” (NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2012, p.33)

Nessa concepção, a Educação Física contribui para que a criança se conheça melhor, facilitando seu relacionamento com o mundo desenvolvendo sua autonomia. Ao se relacionar com o mundo, a criança desenvolve suas habilidades cognitivas, motoras e afetivas, podendo assim inventar, tomar decisões, ser capaz de analisar situações e descobrir suas competências.

Um programa de Educação Física voltado para a Educação Infantil deve propor atividades que, segundo Nista-Piccolo e Moreira (2012, p.34-35):

[...] proporcionem sensações diferenciadas do seu dia a dia e que façam abundante uso de grandes músculos, pois, dessa forma, colaboram com o desenvolvimento da criança na sua totalidade, dando-lhe maior segurança em seus movimentos e propiciando maior controle corporal.

Ao experimentar sensações diferentes do seu cotidiano, a criança adquire experiências que poderão compartilhar com o outro, gerando um processo de ensino-aprendizagem mútuo. Além disso, ao exercitar seus músculos, a criança desenvolve seu equilíbrio corporal.

É importante destacar que as aulas de Educação Física na Educação Infantil não possuem caráter competitivo e nem há comparação entre alunos que se desenvolvem de forma mais rápida e alunos cujo desenvolvimento é mais lento. Isso favorece o desenvolvimento de cada criança em particular, visto que cada uma se desenvolve de uma forma, num determinado ritmo.

A Educação Física contribui grandemente no processo de desenvolvimento e aprendizagem infantil. Dessa forma, destaca-se a importância da sua presença nos currículos escolares e a necessidade das escolas infantis terem professores de Educação Física para trabalharem com as crianças. A escola, na função de educadora, deve promover um trabalho interdisciplinar que contribua para o desenvolvimento integral da criança e para sua formação como indivíduo.

A consolidação da contribuição da Educação Física no currículo escolar levará à promoção de seu reconhecimento pela sociedade. De fato, o professor de Educação Física, atuando na Educação Infantil, deve continuar se atualizando com

os conhecimentos que podem ser adquiridos por meio de pesquisas acadêmicas(MAGALHÃES *et al*, 2007).

2 JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O jogo simbólico ou de faz de conta é um meio de proporcionar à criança a invenção da fantasia. Abre espaço para a independência, a imaginação, a exploração de conceitos e sentidos. Age também sobre a habilidade de imaginação e de representação da criança, vinculada a outros meios de expressão. São os jogos, também, ferramentas que possibilitam à criança o conhecimento de regras sociais (OLIVEIRA, 2010).

O jogo, no conceito de esporte, leva a criança a conhecer princípios como colaboração, participação e corresponsabilidade. Os jogos devem ser desenvolvidos de forma lúdica, proporcionando uma prática prazerosa e, assim, uma aprendizagem significativa.

Já a brincadeira consiste na ação de brincar, de se divertir, podendo ser puramente recreativa ou ter o objetivo de promover um determinado desenvolvimento na criança. A brincadeira pode acontecer por meio de brinquedos apropriados para a Educação Infantil ou por meio de brinquedos simbólicos.

Ao brincar, afeto, motricidade, linguagem, percepção, representação, memória e demais aspectos cognitivos estão intimamente conectados. A brincadeira beneficia o autocontrole emocional da criança e colabora para o processo de apropriação de signos sociais. Cria circunstâncias para uma mudança significativa da consciência infantil, por requerer das crianças modos mais complexos de contato com o mundo (OLIVEIRA, 2010).

Aplicar jogos e brincadeiras nas aulas de Educação Física na Educação Infantil é oportunizar as crianças experiências extraordinárias desenvolvendo-a tanto intelectualmente como fisicamente por meio dos aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais, pois para Educação Física as brincadeiras e Jogos é Patrimônio Imaterial, nesse sentido nenhuma disciplina ou área os desenvolvem com tanto apego e pertencimento, sendo assim, é um resgate a cultura popular e ao ato puro de brincar, que reflete a ludicidade da criança. Enquanto para Educação Física, os jogos e brincadeiras são conteúdos elementares, para outras disciplinas ou áreas são instrumentos utilizados para facilitar a aprendizagem dos seus conteúdos.

As brincadeiras na Educação Infantil podem proporcionar às crianças a experimentação de momentos que resultem na compreensão de noções como peso. Nesse sentido, aborda-se que:

Propostas curriculares que valorizam o brincar levam crianças a experimentarem situações que impliquem a compreensão de noções como peso, quando elas brincam com uma balança, ou na gangorra do playground, quando duas crianças com pesos diferentes brincam juntas. Quando se oferece no espaço da brincadeira com água, tubos ou canecas com furos, as crianças experimentam diferentes situações, observam e fazem suas reflexões. (BRASIL, 2012, p.55)

Nos períodos de brincadeira, também é possível trabalhar com as crianças os significados das profissões, contribuindo para que a compreensão do mundo que as cerca. Dessa forma:

Os significados das profissões podem ser experimentados quando as crianças entram no faz de conta, assumindo personagens adultos do mundo do trabalho. Para isso, é necessária uma equipe pedagógica com perfil brincalhão, que lhe programe espaços, materiais e tempo para que, por meio das brincadeiras e interações, as crianças possam compreender o mundo ao seu redor. (BRASIL, 2012, p.55)

Dessa forma, pode-se perceber o valor dos jogos e brincadeiras para a criança na Educação Infantil. O jogo, por exemplo, apesar de ser considerado como esporte com o passar do tempo, sempre será jogo. O jogo e a brincadeira devem configurar-se como necessidades básicas da criança, visto que o período de brincar nunca acaba para a criança.

Ao fazer uso do jogo e da brincadeira como ferramentas educativas, o professor de Educação Física proporciona à criança um modo de aprender sem se cansar, visto que o cansaço é adversário do processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil. Isso pode ser notado quando observa-se as crianças fazendo suas tarefas de casa; o que elas mais querem é se livrar dessas tarefas – consideradas “chatas” por elas – para poder brincar, correr, jogar. Dessa forma, percebe-se que o jogo e a brincadeira dependem da satisfação (NISTA-PICCOLO&MOREIRA, 2012).

Nesse sentido, confirmam Nista-Piccolo e Moreira (2012, p.79):“Aprender pela satisfação é, sem dúvida, um caminho mais eficiente do que aprender pela privação.

As atividades de *Movimento* deveriam, cada vez mais, exercitar o jogo como instrumento da aprendizagem das crianças.”

Existe uma diversidade enorme de jogos. Segundo Oliveira (2010) apud Nista-Piccolo e Moreira (2012, p.79), os jogos podem ser:

[...] jogos de nomeação quando os professores perguntam: “O que é isso?”, ou ainda, quando os alunos imitam animais e objetos ao responderem à pergunta do professor: “Como é que faz o...?”, estimulando a atenção ao indagar às crianças: “Onde está tal coisa?”; jogos corporais nos quais os alunos respondem com movimentos aos questionamentos relacionados ao seu mundo/vida, às situações presentes em seu dia a dia. A representação de algo usando o próprio corpo pode ampliar suas capacidades, pois exige uma nova habilidade.

A representação de algum personagem, animal, objeto, etc., utilizando o movimento do próprio corpo, proporciona a ampliação das capacidades da criança, visto que requer dela uma nova competência.

O que faz do jogo tão importante na Educação Infantil é o fato do mesmo proporcionar prazer e ao mesmo tempo perigo e desafios, de ser livre e opcional e de ser motivo de alegria e diversão. Além disso, o jogo proporciona o aprimoramento de noções de totalidade e de regras, onde a criança vivencia momentos separados do “mundo habitual”, em um mundo distinto onde ela exercita sua criatividade e autonomia (NISTA-PICCOLO&MOREIRA, 2012).

O jogo, na Educação Infantil, promove o desenvolvimento da criança. Os jogos de manipulação são exemplo disso. Sendo assim, segundo Nista-Piccolo e Moreira (2012, p.80):

Os jogos de manipulação desenvolvidos com as crianças da creche podem representar estimulação sensorial, enquanto para os maiores, que participam da pré-escola, eles podem aperfeiçoar suas habilidades motoras. Carrear essas características via professor de Educação Física, na Educação Infantil, é colaborar para o ato educativo significante para a criança.

Sendo assim, o jogo, assim como a brincadeira, deve propiciar o aprendizado, a fim de que a criança desenvolva sua inteligência criativa, evoluindo de forma integral. Não basta apenas proporcionar às crianças atividades de movimento e de brincadeira; antes é preciso que o objetivo do movimento nos jogos e brincadeiras seja o desenvolvimento da criança, onde ela sinta prazer e satisfação no brincar.

2.1 MOTRICIDADE INFANTIL

A motricidade pode ser definida como o conjunto de funções nervosas e musculares que possibilita os movimentos voluntários (intencionais) ou automáticos do corpo. Segundo Kolyniak Filho (2002) apud Kolyniak Filho (2010, p.55):

A motricidade configura-se como processo, cuja constituição envolve a construção do movimento intencional a partir do reflexo, da reação mediada por representações a partir da reação imediata, das ações planejadas a partir das simples respostas a estímulos externos, da criação de novas formas de interação a partir da reprodução de padrões aprendidos, da ação contextualizada na história – portanto, relacionada ao passado vivido e ao futuro projetado – a partir da ação limitada às contingências presentes.

A partir do nascimento, o corpo da criança passa por um processo de desenvolvimento, assim como os movimentos que com ele pode realizar. As estruturas que utiliza para direcionar o tronco e as mãos em relação a um incentivo visual, por exemplo, são complexas e ativadas conforme ela for manipulando e encaixando objetos, lançando-os longe e os readquirindo, empurrando-os e puxando-os, prendendo-os e soltando-os. A criança se movimenta, adota posturas e se expressa por gestos, que evoluem progressivamente (OLIVEIRA, 2010).

São atribuídos quatro significados ao termo “motricidade”. Primeiro, a motricidade difere do movimento, pois enquanto a motricidade refere-se somente ao ser humano, o movimento refere-se a qualquer ser vivo que pode se movimentar. A motricidade pode ser definida como um aglomerado de viabilidades que o ser humano tem para movimenta-se, o que caracteriza-o como indivíduo ou espécie (NISTA-PICCOLO&MOREIRA, 2012).

Segundo, a motricidade é herdada geneticamente e construída historicamente e de forma sociocultural. Sendo assim, as capacidades e habilidades motoras são construídas através de um processo de aprendizagem que acontece em momentos e locais determinados (histórico) e em certos grupos sociais.

Terceiro, a motricidade é caracterizada pela intencionalidade, ou seja, todo ser humano se movimenta para chegar a certos objetivos. “A intencionalidade dos movimentos associa-se sempre aos significados que estes têm para os sujeitos e para os grupos sociais a que eles pertencem.” (NISTA-PICCOLO& MOREIRA, 2012, p.62)

“Quarto, a motricidade representa a forma concreta de interação do ser humano com a natureza e com os semelhantes.” (NISTA-PICCOLO& MOREIRA, 2012, p.63). Em toda e qualquer interação com o outro, está presente o movimento. Além disso, todo sentimento ou pensamento é expresso através do movimento. Sendo assim, a motricidade é a expressão das atuações humanas.

O conhecimento acerca da motricidade precisa ser incluído na escola através da Educação Física, visto que esse conceito precisa gerar certos questionamentos, como:

Qual a necessidade de exercícios motores sistemáticos para diferentes pessoas? De que tipo e em que quantidade as atividades motoras são adequadas para os seres humanos em suas mais variadas faixas etárias e situações sociais? Por que as pessoas não hábeis em determinadas atividades motoras se inibem em praticá-las junto a outras pessoas? Qual o fundamento dos padrões éticos e estéticos relativos ao corpo e à motricidade que estão presentes nos meios de comunicação social? Como se manifestam o respeito, a solidariedade, a amizade, o amor, ou ainda, a violência, a opressão, o desrespeito, nas relações humanas intermediadas pelo corpo e pela motricidade? (NISTA PICCOLO& MOREIRA, 2012, p.63)

A motricidade como possibilidade da Educação Física na Educação Infantil tira as crianças do confinamento das salas de aula e lhes possibilita um espaço de controle corporal e, conseqüentemente, de controle de ideias e sentimentos.

Quando a Educação Infantil é voltada apenas para o desenvolvimento intelectual das crianças, está se preocupando apenas com a formação de adultos produtivos, e não com as crianças reais. A criança precisa ser criança. Nesse sentido, “A criança real ri, corre, conversa, faz barulho, perturba, é bondosa e maldosa, é amorosa e perversa, enfim, é criança, e como tal exercita sua motricidade o tempo todo na descoberta do mundo. Esse é o protótipo de aluno na Educação Infantil.” (NISTA-PICCOLO&MOREIRA, 2012, p.64)

A motricidade, incluída na Educação Infantil, não permite que a criança fique confinada na sala de aula, mas pelo contrário, exige movimento, pois a criança aprende com todo o seu corpo, isto é, não aprende apenas com sua inteligência, mas também com sua cognição. Ao movimentar o corpo, a criança estimula sua imaginação, sua sensibilidade, suas vísceras.

Ao se movimentar, a criança não deve se comportar, mas sim existir. Por isso, não se deve sugerir somente comportamentos para as crianças. Quando se fala em Educação Infantil, prioriza-se o desenvolvimento integral da criança, mas é preciso

lembrar que, na escola, ela se relaciona com alunos de faixas etárias diferentes, com os professores e demais funcionários da escola e outras pessoas. Além disso, a criança relaciona-se com sua família e outras pessoas fora da escola. Sendo assim, a motricidade deve proporcionar uma aprendizagem que leve em conta essa multiplicidade.

Os professores de Educação Física precisam refletir acerca dessas concepções, a fim de estarem mais preparados ao aplicarem seus métodos de ensino, especialmente na Educação Infantil. “Essas reflexões contribuirão para o planejamento e a efetivação de uma Educação Física estruturada na corporeidade, no jogo e no movimento vivenciado por meio da ludicidade.” (NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2012, p.66)

Dessa forma, para os autores supracitados, considera-se tanto a Educação Física quanto a ludicidade, o jogo, a corporeidade e a motricidade elementos essenciais na construção de atitudes de independência, colaboração e participação da criança. Esses elementos são imprescindíveis para a prática educativa dos professores de Educação Física atuantes na Educação Infantil.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA

A ludicidade é o desenvolvimento da criatividade e de diversos conhecimentos por meio dos jogos, brincadeiras, música e dança. A principal definição dos jogos e das brincadeiras é que eles são lúdicos, ou seja, por meio deles é possível que a criança desenvolva sua criatividade e adquira cada vez mais conhecimentos.

Muitas vezes, as atividades propostas às crianças na Educação Infantil são totalmente recreativas, deixando de lado o estímulo do seu potencial. No entanto, é possível propiciar atividades lúdicas que, ao mesmo tempo que proporcionem à criança o direito de brincar, proporcionem também o desenvolvimento de sua motricidade.

Oferecer atividades lúdicas às crianças significa proporcionar a elas tanto atividades apropriadas à sua compreensão, interesse e expectativas quanto momentos de prazer. Uma situação prazerosa vivenciada em aula, sem dúvida, se

transformará numa aprendizagem considerável e, sempre que voltar ao conceito assimilado, a criança sentirá alegria (NISTA-PICCOLO&MOREIRA, 2012).

Nesse sentido, a ludicidade é muito importante na Educação Física, visto que o maior prazer de uma criança é brincar, e propor atividades que, ao mesmo tempo estimulam o desenvolvimento da criança e lhes proporciona prazer, fará com que a criança não perca o interesse nas atividades.

A Educação Física, atuante na Educação Infantil, deve associar o lúdico e o brincar, priorizando sempre o brincar no movimento. Brincar faz com que a criança entre em contato com o próprio corpo, com o próprio movimento, permitindo que ela vivencie as conexões espaço-tempo.

“Já para o ser humano de forma geral, o brincar, encarado com mais rigor, corresponde à satisfação das necessidades afetivas, as quais, contempladas, podem contribuir para a realização humana.” (NISTA-PICCOLO& MOREIRA, 2012, p.70)

Para que as atividades propostas na Educação Infantil sejam mediadas pela ludicidade, é importante que o espaço escolar seja alegre e favoreça momentos de descobertas que ao mesmo tempo propiciem o prazer em fazer mais uma vez. No entanto, a reincidência dos movimentos deve ocorrer por iniciativa da própria criança, de desejar sentir outra vez a emoção da alegria e a sensação de satisfação. Isso requer que a proposta lúdica se aproxime das metas determinadas pelo professor (NISTA-PICCOLO& MOREIRA, 2012).

Nesse sentido, ao ensinar determinado conteúdo às crianças, o educador deve oferecer, ao mesmo tempo, a ludicidade. O objetivo da ludicidade é promover o desenvolvimento da criatividade e de diversos conhecimentos por meio dos jogos, brincadeiras, música e dança. Sendo assim, levando em conta a brincadeira, aborda-se que:

A brincadeira pode ser um meio para acionar a memória, a capacidade de se expressar em diferentes linguagens, de promover sensações de prazer e de emoções. O professor pode intermediar na organização do ambiente, transformando-o em espaços que propiciem o desenvolvimento das representações, nas quais a criança adota diferentes personagens, numa estrutura de jogos de papéis (Oliveira, 2010). Apenas um tema pode gerar uma história que pode ser contada por meio de expressões corporais, e a brincadeira associa a imaginação e a criatividade, traduzindo-se em processos psicológicos que dão significado à aprendizagem. (NISTA-PICCOLO& MOREIRA, 2012, p.70)

Dessa forma, o professor de Educação Física, na Educação Infantil, deve utilizar sempre a ludicidade em suas aulas. No entanto, o professor precisa entender que propiciar momentos lúdicos às crianças não significa deixá-las fazer o que querem, cabendo ao professor redirecionar a brincadeira da criança para o conteúdo que está sendo aplicado. A criança deve brincar, mas ao mesmo tempo aprender, ou seja, as brincadeiras devem ser contextualizadas, devendo o professor conhecer bem seus alunos. Dessa forma, pode-se dizer que o educador tem uma importante função junto às crianças, pelo fato de poder proporcionar um ambiente apropriado, intervir em suas interações e, também, ser um interventor no processo de ensino-aprendizagem. No próximo capítulo, será abordado com mais detalhes o papel do professor de Educação Física na Educação Infantil (NISTA-PICCOLO&MOREIRA, 2012).

Durante as brincadeiras, as crianças têm a oportunidade de aprender regras. Nesse sentido: “A criança cria uma situação imaginária e, ao vivenciá-la, o faz com as regras observadas nas situações de vida real ou naquelas vividas nas brincadeiras.” (NISTA-PICCOLO&MOREIRA, 2012, p.72)

É importante ressaltar que, na Educação Infantil, assim como na Educação Física, o essencial não é iniciar ou terminar determinada atividade, nem tão pouco ganhar, mas sim a experiência educativa que se adquire ao longo da prática da atividade física.

3 O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O objetivo das aulas de Educação Física não deve ser apenas de proporcionar o aceleração do desenvolvimento motor da criança, mas sim de estimular suas capacidades motoras essenciais. Nesse sentido, Moreira, Pereira e Lopes (2009) apud Nista-Piccolo e Moreira (2012, p.88) abordam o seguinte:

Os conteúdos de Educação Física não devem ser oferecidos às crianças unicamente como um espaço de aceleração do desenvolvimento motor, mas, sim, como oportunidade de estimulação das suas habilidades motoras fundamentais. E, para isso, é preciso que o professor responsável por essa tarefa conceba o aluno com a própria construção histórica, considerando todas as experiências vividas por ele, dentro e fora da escola. Dessa forma, um professor precisa conhecer as fases de desenvolvimento da criança em todas as suas dimensões, para que consiga compreender o comportamento infantil. Suas interações com a criança podem ser mais eficientes à medida que o professor reconhece o que ela sabe e como ela compreende o que está sendo ensinado.

O professor de Educação Física deve considerar a criança como sujeito histórico, portador de experiências e relações que foram experimentadas no passado e outras que estão sendo experimentadas no presente. É preciso compreender a criança não apenas em suas necessidades fisiológicas, sentimentais ou sociais, por exemplo. É preciso compreender a criança em sua totalidade para que se possa trabalhar com ela de forma mais efetiva. Dessa forma, é preciso conhecer cada criança individualmente, pois cada uma carrega sua própria bagagem histórica.

É importante destacar que o professor não deve criar seu plano de ensino e propor atividades às crianças sem antes conhecer cada uma delas. Como mencionado acima, cada criança tem um perfil histórico, e também, cada uma tem um perfil psicológico e comportamental, e seu desenvolvimento ocorre de forma distinta de outras crianças. Cada ser é único, e o professor precisa conhecer as particularidades de cada criança. Nesse sentido, Nista-Piccolo e Moreira (2012, p.88) afirmam o seguinte:

O professor não deve estabelecer os elementos a serem ensinados sem antes conhecer bem cada aluno, para que possa atentar para os potenciais que ele expressa, além de detectar quais são as diferenças que caracterizam cada um deles. Ao compreender o comportamento de seus

alunos, ele conseguirá identificar suas facilidades e dificuldades de aprendizagem. Com isso, será possível encontrar as rotas de acesso ao conhecimento para ensinar algo que ele não sabe fazer. Definir as rotas de acesso é abrir caminhos que possam conduzir o aluno a aprimorar suas capacidades, até mesmo aquelas camufladas pelas dificuldades.

O ser humano tem inúmeras capacidades, que muitas vezes se “escondem” devido a suas dificuldades. Durante as atividades de movimento, a criança expressa suas dificuldades e potencialidades, cabendo ao professor observar esses aspectos em cada criança, a fim de auxiliá-la na superação de suas dificuldades, mostrando a ela suas capacidades e incentivando ainda mais o desenvolvimento de suas potencialidades.

Se o professor detectar as habilidades que a criança demonstra à medida que explora seus movimentos, poderá criar métodos mais fáceis para que ela possa aprender, e é dessa forma que precisa ensinar (NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2012).

Ao ensinar um determinado movimento à criança, o professor precisa descobrir o que ela já aprendeu, analisar quais movimentos ela realiza com mais facilidade, observar se ela está motivada ou não a realizar determinada atividade. Nesse sentido, o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (1998) menciona o seguinte:

É, portanto, função do professor considerar, como ponto de partida para sua ação educativa, os conhecimentos que as crianças possuem, advindos das mais variadas experiências sociais, afetivas e cognitivas a que estão expostas. Detectar os conhecimentos prévios das crianças não é uma tarefa fácil. Implica que o professor estabeleça estratégias didáticas para fazê-lo. Quanto menores são as crianças, mais difícil é a explicitação de tais conhecimentos, uma vez que elas não se comunicam verbalmente. A observação acurada das crianças é um instrumento essencial nesse processo. Os gestos, movimentos corporais, sons produzidos, expressões faciais, as brincadeiras e toda forma de expressão, representação e comunicação devem ser consideradas como fonte de conhecimento para o professor sobre o que a criança já sabe. Com relação às crianças maiores, podem-se também criar situações intencionais nas quais elas sejam capazes de explicitar seus conhecimentos por meio das diversas linguagens a que têm acesso. (BRASIL, 1998, p.33)

Dessa forma, o professor pode desenvolver seu plano de ensino contendo situações-problema em que as crianças terão que resolver e proporcionar um ambiente que estimule e facilite sua aprendizagem. Cabe ressaltar aqui que não cabe ao professor propor atividades fáceis, mas sim propor atividades desafiantes e ao mesmo tempo auxiliar a criança a vencer os desafios.

Ao propor atividades que estimulem o movimento, o professor de Educação Física aumenta as possibilidades de as crianças descobrirem o que conseguem realizar através do movimento corporal, fazendo com que elas explorem cada vez mais suas habilidades. Não existe um único modo de ensinar, então é preciso que o professor crie diversas formas para transmitir o mesmo conteúdo, alternando sempre os caminhos pelos quais está ensinando, configurando seu modelo de ensino baseando-se nas particularidades de cada criança, para que todas elas consigam aprender de forma significativa e atribuam um sentido ao que está sendo aprendido, e não apenas reproduzindo um movimento de forma automática, sem nenhum objetivo (NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2012).

Além disso, é importante que o plano de ensino do professor envolva a ludicidade. Nesse aspecto, Nista-Piccolo e Moreira (2012, p.90) mencionam o seguinte:

Quando o professor propõe alguma atividade desafiante à capacidade do seu aluno, ou seja, uma atividade dada em forma de situação-problema, permeada pela ludicidade, com certeza ele será estimulado a buscar sua superação, pois demonstra maior interesse em participar toda vez que seu potencial é desafiado.

Cabe salientar que o professor de Educação Física deve ser criativo, ou seja, precisa ser dinâmico em suas aulas, proporcionando às crianças momentos diferentes para serem vivenciados, para que as atividades não sejam monótonas e cansativas. Esses momentos devem incluir variação do ambiente e dos materiais utilizados nas aulas, bem como de músicas e de movimentos cada vez mais diferenciados (NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2012).

Um determinado conteúdo de aula pode ser ensinado de diversas formas, permitindo que as crianças experimentem o mesmo aprendizado de formas diferentes. Um mesmo conteúdo pode ser ensinado por diversos caminhos, podendo ser “discutido, narrado, desenhado, explicado, representado e outras formas que o professor encontrar, permitindo que a criança vivencie o conhecimento por meio de várias manifestações de suas expressões.” (NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2012, p.91)

No entanto, é preciso que o professor se atente ao desenvolvimento da criança, ou seja, antes de terminar de ensinar determinado conteúdo ou movimento, não deve deixar de ensiná-lo para variar os conteúdos, impedindo que as crianças

dominem o movimento ensinado. É importante, após o domínio de determinado movimento, que o professor volte algumas vezes em conteúdos já aprendidos, para que a criança exercite todos os movimentos aprendidos.

Além disso, é importante que o professor de Educação Física ajude seus alunos a superar seus obstáculos, focando em suas potencialidades, e não em suas limitações. Quanto a estas, o professor deve ser um mediador, auxiliando o aluno a superar suas dificuldades, e se isso não for possível, deve continuar auxiliando-o da mesma forma a fim de ampliar suas capacidades.

Cabe ressaltar que a formação do professor de Educação Física deve estar voltada para o desenvolvimento humano. Nesse aspecto, Nista-Piccolo e Moreira (2012, p.93) abordam o seguinte:

Formação para o desenvolvimento humano é um processo relacional, em que devem ser fortalecidas atitudes de cooperação e solidariedade pela descoberta do outro, visando a consolidação de um coletivo profissional autônomo e construtor de saberes e valores próprios. Formação para o desenvolvimento humano é garantir a comunhão com o circundante e essa construção é constitutivamente social (Veiga; Viana, 2010).

Sendo assim, pode-se dizer que o objetivo da formação para o desenvolvimento humano é promover o desenvolvimento da criança em todos os aspectos, sendo o professor de Educação Física, atuante na Educação Infantil, um mediador no processo de ensino-aprendizagem da criança que promove o desenvolvimento integral da criança, levando em consideração não apenas as suas habilidades motoras, mas também seus históricos sociais e afetivos.

É importante destacar que, para trabalhar o movimento com as crianças, o professor deve ter experiência na área e conhecimentos sobre a Educação Infantil, sendo um profissional devidamente qualificado para atuar nessa importante etapa da vida do ser humano.

Se a escola contratar um professor que possui pouca experiência no trabalho com crianças e ao mesmo tempo pouco conhecimento acerca da Educação Infantil, poderá prejudicar a criança em seu processo de desenvolvimento. Já é difícil para a criança a separação dos pais ao ingressarem numa creche, por exemplo, e se o profissional da educação não estiver preparado, essa separação será ainda mais traumática para a criança. Muitas escolas infantis contratam professores recém formados ou que ainda não se formaram, por ser mais barato. Apesar de não ser o

adequado, as crianças se adaptam aos métodos de ensino propostos pelo professor despreparado e passam a maior parte do tempo brincando, mas sem nenhuma mediação e sem nenhum objetivo educacional (FREIRE, 2009).

O professor da Educação Infantil precisa se conscientizar de que o brincar não pode ter apenas o aspecto recreativo, mas deve ter um caráter educativo voltado para o desenvolvimento integral da criança, a fim de favorecer o processo de ensino-aprendizagem.

É importante destacar que o desenvolvimento de um currículo baseado na brincadeira não é nada parecido com um currículo baseado em temáticas disciplinares. A principal condição do brincar é a que a criança é a protagonista da brincadeira, ou seja, a experiência do brincar é realizada pela criança. “A abordagem disciplinar geralmente favorece a ação do adulto, que explica ou faz a demonstração do significado do conceito e não requer, necessariamente, a ação dinâmica ativa das crianças.” (BRASIL, 2012, p.54)

Dessa forma, o professor deve elaborar seu currículo a favor da ação ativa da criança, lembrando sempre que a protagonista dos jogos e brincadeiras é ela, sendo o professor um mediador no processo de ensino-aprendizagem da criança.

O professor de Educação Física, atuando na Educação Infantil, precisa também utilizar a interdisciplinaridade em suas aulas, pois favorece a aprendizagem da criança. A partir da interdisciplinaridade, o professor pode propor atividades diferenciadas às crianças, priorizando “o movimento corporal, os gestos, a motricidade, a valorização do brinquedo e da brincadeira, também cheios de movimento de forma natural, como sustentáculo do desenvolvimento.” (SOUZA & ROJAS, 2008, p.209)

Sendo assim, ao utilizar a interdisciplinaridade – considerada como “educação por inteiro” por Souza e Rojas (2008) –, o professor de Educação Física contribui para o desenvolvimento da criança de forma integral.

Uma proposta curricular voltada para a interdisciplinaridade, permite unir: “a escrita, a atividade lúdica e a leitura, ciências, matemática [...], evidenciando jogos e brincadeiras que contemplem o desenvolvimento da criança em sua totalidade.” (SOUZA & ROJAS, 2008, p.211)

Segundo Matos e Neira (2007) apud Souza e Rojas (2008, p.211):

Caberá na educação infantil, a estruturação de um trabalho com o corpo abrangendo as características [...]: a vinculação do movimento a intenções, raciocínios e planos de ações elaborados; as atividades com significado, com o concreto, com o real, com o interesse daquele que é o mais importante no processo, o educando.

A partir da interdisciplinaridade, o professor de Educação Física pode encontrar caminhos diversos para sua prática pedagógica, uma forma de liberdade, de desafio, que faça com que a criança se movimente naturalmente, relacionando-se consigo mesma e com o meio que a cerca, adquirindo, assim, o controle motor que promova o seu desenvolvimento integral.

3.1 AULAS DE MOVIMENTO PARA O ENSINO INFANTIL

As atividades de movimento na Educação Infantil contribuem para a formação humana. O movimento é uma maneira pela qual as crianças podem se expressar, e essa expressão é de suma importância para elas. Nesse aspecto, os educadores têm a função de compreender o movimento em sua totalidade. Mattos e Neira (2008, p.11) mencionam que:

Muito além de um olhar biológico ou fisiológico, o corpo que corre e cresce é o mesmo que sente, conhece e se expressa. Portanto, uma compreensão mais apurada da motricidade infantil faz-se necessária aos profissionais que atuam na escola.

Segundo Mattos e Neira (2008), o movimento pode ser dividido em três grupos: reflexo, voluntário e automático.

Os movimentos reflexos são instintivos, tendo como aspecto essencial a existência por causa da autopreservação. Esses movimentos são involuntários, pois não dependem da vontade ou do comando cerebral. Dessa forma:

Devido à rápida reação ao estímulo, não tem tempo hábil de percorrer todas as vias periféricas e tomar a decisão com base em experiências anteriores. Assim, ao ouvirmos um estrondo, nossa reação imediata é elevarmos os braços como proteção. Esses movimentos fogem ao nosso controle, não são educáveis. (MATTOS & NEIRA, 2008, p.11-12)

Os movimentos voluntários dependem da tomada de decisão, ou seja, da vontade do indivíduo. Esses movimentos acontecem a partir de conhecimentos

adquiridos e experiências passadas. Diante disso, percebe-se a programação da ação motora, a análise das consequências desta ação e, por fim, uma provável transformação das experiências adquiridas. Por exemplo:

[...] quando tentamos acertar um alvo, arremessando uma bola, os cálculos de força, distância e precisão são estabelecidos ao nível cortical com base em aprendizagens anteriores. Caso esta habilidade apresente semelhanças com movimentos já conhecidos, haverá poucas modificações, mas, se, inversamente, este movimento não consta do nosso “repertório”, maior mobilização cognitiva será necessária para a realização da tarefa. Aqui, incluímos a necessidade de várias experiências para a aprendizagem desta nova habilidade. (MATTOS & NEIRA, 2008, p.12)

Já os movimentos automáticos são considerados como segunda fase dos movimentos voluntários. Se a atividade motora é exigida com certa frequência, como locomover-se, dirigir, pular, etc., o cerebelo se responsabiliza por gravá-la e fazer com que ela fique acessível sempre que for preciso. Este fato proporciona a formação de funções motoras novas e mais complexas.

Quando o educador compreende neurologicamente a questão do movimento humano, essa compreensão será muito útil ao elaborar suas aulas. Na Educação Infantil, por exemplo, o movimento voluntário será priorizado, de forma que a ação cognitiva e a decisão pessoal são essenciais à medida que as crianças executam uma atividade motora. Sendo assim:

Pode-se concluir que, caso as atividades propostas na aula de Educação Física solicitem dos alunos a resolução de problemas simples (Como alcançar no “pegador”? Como fazer para não ser pego durante a “mãe de rua”?) ou mais complexos (Como equilibrar o material disponível, de forma a construir uma ponte sólida? Como elaborar coletivamente uma tática para o pique-bandeira?), teremos uma grande participação da ação cognitiva sobre os movimentos voluntários, mobilizando novos conhecimentos para a descoberta de soluções eficazes. (MATTOS & NEIRA, 2008, p.13)

No entanto, os exemplos citados nos possibilitam constatar nestas atividades os movimentos automáticos, como locomover-se, carregar objetos, etc. De uma perspectiva integrada, pode-se afirmar que os movimentos voluntários devem estar presentes nas propostas de atividades, proporcionando aos alunos diversos contextos em que, de modo autônomo, eles executarão atividades com o objetivo de resolver diversos problemas, dos mais simples aos mais complexos.

“As atividades propostas para Educação Infantil perpassam temas pertinentes à área da Educação Física, quais sejam: jogos e brincadeiras, atividades gímnicas e

exploração de materiais, atividades rítmicas e conhecimento sobre o corpo.” (NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2012, p.95)

Como abordado anteriormente, é por meio da ludicidade presente nos jogos e nas brincadeiras representadas na ação motora que a criança se desenvolve e aprimora suas capacidades físicas e intelectuais, além de desenvolver suas habilidades sociais, ou seja, promovendo o desenvolvimento da criança como um todo.

Diversos conteúdos podem ser ensinados durante as práticas corporais, nas quais a finalidade é o desenvolvimento da motricidade da criança. Para escolher os temas mais adequados a serem desenvolvidos durante as aulas, o professor precisa analisar o ambiente em que acontecem as aulas, como as crianças estão aprendendo e se desenvolvendo, sendo importante também que o professor peça aos alunos que deem sua opinião acerca das atividades realizadas durante as aulas, a fim de identificar as brincadeiras preferidas das crianças para encaixá-las em seu plano de ensino, favorecendo assim o processo de ensino-aprendizagem. Confirmando e complementando essa afirmação, Nista-Piccolo e Moreira (2012, p.95) abordam o seguinte:

São muitas as temáticas que podem ser aplicadas nos momentos dedicados às práticas corporais nas quais o foco é a motricidade da criança. Para definir quais os melhores temas a serem escolhidos, é importante que o professor analise o contexto em que as aulas acontecem, pedindo sugestões às próprias crianças sobre o que elas gostam de brincar e observando práticas de atividades com as quais elas mais se identificam.

O simbolismo deve estar presente nas atividades de movimento para a Educação Infantil, através de jogos e brincadeiras. No entanto, cabe salientar que as brincadeiras não devem, apenas, ser propostas em sua forma tradicional, mas também oportunizar à criança a exploração das suas possibilidades de ação. Além disso, é importante que a criança tenha a capacidade de se organizar para realizar a atividade.

Os jogos e brincadeiras precisam ser propostos de forma variada, a fim de estimular na criança a capacidade de resolver problemas diversos. O professor, para variar os jogos e brincadeiras, pode trabalhar com atividades gímnicas, utilizando materiais diversos. São modalidades gímnicas: “ginástica artística, ginástica rítmica,

ginástica acrobática, ginástica de trampolins, ginástica aeróbica e ginástica geral.” (NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2012, p.96)

Ao realizar atividades gímnicas em suas diversas modalidades, a criança será incentivada a refletir acerca dos movimentos que está executando, tendo assim a possibilidade de trabalhar com os símbolos, estimulando sua criatividade ao ponto de propor novas opções para vencer os desafios apresentados. As atividades gímnicas são rítmicas e expressivas, e consistem em:

[...] ampliar as possibilidades de percepção do som, da música e da dança, respeitando o repertório artístico-estético das crianças. Elas serão incentivadas a vivenciar, reconhecer e propor trabalhos relativos à linguagem corporal e gestual, em atividades de sincronização do ritmo com o movimento, bem como a desenvolver sua criticidade ao senso de estética. (NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2012, p.97)

Dessa forma, percebe-se a importância das aulas de movimento na Educação Infantil, pois através do movimento, a criança tem a percepção de si mesma e do mundo que a cerca, além de interagir com o outro, estabelecendo relações sociais que lhes permitirão trocar experiências. Através do movimento, a criança ganha e amplia suas capacidades de deslocamento, de manipulação, de estabilização e de desporto, além de suas capacidades motoras e suas habilidades sociais e simbólicas.

4 METODOLOGIA

4.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Quanto aos objetivos, pode-se classificar a pesquisa como teórica, pois dedicou-se a estudar teorias sobre a contribuição da Educação Física na Educação Infantil.

Quanto à forma de estudo, pode-se classificar a pesquisa como exploratória, pois envolve levantamento bibliográfico acerca do tema proposto. Segundo Gil (2010, p.27), as pesquisas exploratórias têm como objetivo:

[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Segundo Gil (2010), as pesquisas exploratórias envolvem levantamento bibliográfico.

4.2 TÉCNICA PARA COLETAS DE DADOS

A coleta de dados é “a etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas” (LAKATOS; MARCONI, 2002, p.32).

A técnica para coleta de dados será bibliográfica. Segundo Gil (2010, p.29) por pesquisa bibliográfica, entende-se que:

[...] é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como material disponibilizado pela Internet.

De acordo com Cervo e Bervian (2002), na pesquisa bibliográfica, existe um problema que precisa ser explicado, e essa explicação é feita por meio de um referenciais teóricos publicados em livros, artigos, etc.

Justificou-se a utilização de pesquisa bibliográfica por abranger a leitura, análise e interpretação de documentos, artigos, livros, meios informatizados (internet), etc. para a obtenção de referências específicas acerca do tema proposto, utilizando um período de 2009 a 2016 por serem pesquisas publicadas mais recentemente.

4.3 FONTES PARA COLETA DE DADOS

Para a realização dessa pesquisa, foi preciso realizar buscas em referências que orientassem o seu embasamento, com preceitos teóricos acerca do tema proposto.

Sendo assim, é importante definir as fontes que foram utilizadas para o melhor entendimento e desenvolvimento das informações, e essas fontes foram primárias e secundárias.

De acordo com Andrade (2001, p.43), “fontes primárias são constituídas por obras ou texto originais, material ainda não trabalhado, sobre determinado assunto”. Nesta pesquisa, as fontes primárias foram: legislações acerca da Educação Física na Educação Infantil.

As fontes secundárias para a elaboração do referencial teórico foram: livros, artigos científicos, revistas digitais, um projeto de pesquisa e uma monografia, de 1988 a 2014. Para a elaboração da discussão, as fontes secundárias foram periódicos das seguintes bases de dados publicados no período de 2009 a 2016, tais como: Revista Qualis A, B e C – CAPES/MEC, Scielo e UFES. Foram encontrados 30 periódicos que tratavam da Educação Física ou da Educação Infantil, mas somente 10 foram selecionados por estarem diretamente ligados com o objetivo geral desta pesquisa.

Segundo Andrade (2001), as fontes secundárias são formadas a partir das fontes primárias, pois através destas pode-se buscar referenciais teóricos que as confirmem ou complementam.

4.4 ANÁLISE DOS DADOS

Com todos os dados em mãos e para melhor compreender os resultados, foi realizada uma análise dos dados pesquisados, a fim de obter melhores resultados na hora da tomada de decisão.

Assim, após coletados os dados, estes foram tratados na forma qualitativa, pois contribui para uma melhor compreensão do problema pesquisado.

5 RESULTADOS/DISCUSSÃO

A seguir, serão apresentados o título, os autores e as ideias principais de 10 periódicos das seguintes bases de dados publicados no período de 2009 a 2016: Revista Qualis A, B e C – CAPES/MEC, Scielo e UFES. Os periódicos mencionados na tabela a seguir foram selecionados por estarem diretamente ligados com o objetivo geral desta pesquisa, a saber:

Periódicos/ Título	Autores/Ano	Ideias Principais
Associação Entre o Ambiente da Escola de Educação Infantil e o Nível de Atividade Física de Crianças Pré- escolares	Edilânea Nunes Mélo, Mauro Virgílio Gomes de Barros, Carla Meneses Hardma n, Maria Laura Siqueira, Rildo de Souza Wanderley Júnior e Elusa Santina Antunes de Oliveira (2013)	As atividades físicas são pouco realizadas em escolas de menor porte. No entanto, em escolas de porte maior, percebe-se maior preocupação com as crianças pré-escolares (3 a 5 anos) em relação à atividade física, mas de acordo com a pesquisa realizada percebeu-se que os jogos e brincadeiras são praticados, em maior parte, no recreio.
Educação Especial Para Crianças de Zero a Três anos: um desafio possível	Cinthyá Campos de Oliveira e Ivone Martins de Oliveira (2012)	O objetivo do estudo em questão foi investigar a forma como vem sendo instituído o atendimento educacional especializado para crianças de zero a três anos na Rede Municipal de Vitória. Conclui-se que, em programas de formação de professores, é preciso dar maior prioridade aos aspectos do ensino infantil, priorizando também a intervenção precoce do educador atuante na Educação Infantil, a fim de não apenas fornecer educação às crianças de zero a três anos, mas também proporcionar saúde e

		assistência social quando for necessário.
O Brincar o Se- movimentar nas Aulas de Educação Infantil:realidad es e possibilidades	Aguinaldo Cesar Surdi, Jose Pereira de Melo e ElenorKunz(2016)	Foi observado, em duas turmas de Educação Física infantil de duas escolas municipais da cidade de Capinzal/SC, que as escolas utilizam os jogos e brincadeiras em seu método de ensino, mas só se preocupam com o resultado das ações, valorizando apenas o movimento em si e esquecendo-se de acompanhá-lo.
Educação Física na Educação Infantil e o Currículo da Formação Inicial	Cristiane Guimarães de Lacerda e Martha Benevides da Costa (2012)	O objetivo do estudo em questão foi analisar o currículo de formação de professores de Educação Física de uma universidade estadual baiana para a atuação na Educação Infantil. Conclui-se que o currículo analisado fornece aos educandos uma formação adequada para a atuação na Educação Infantil, mas deixa a desejar quanto aos conteúdos ensinados, pois algumas disciplinas acabam entrando em contradição.
A Brincadeira na Educação Infantil (3 a 5 anos):uma experiência de pesquisa e intervenção	José Ricardo Silva (2013)	A brincadeira na Educação Infantil tem sido desvalorizada no que diz respeito ao desenvolvimento da criança. Sendo assim, o objetivo do estudo em questão foi conhecer e intervir sobre a concepção e a prática de uma professora no uso da brincadeira, em uma creche, na cidade de Álvares Machado/SP. Observou-se que a professora utiliza a brincadeira, mas esta é totalmente livre, sem intervenção da professora, que por sua vez utiliza jogos incompatíveis com a idade das crianças da creche, sendo indicados para crianças mais velhas. O fato das brincadeiras serem propostas sem acompanhamento da

		professora e por serem muito complexas, gerava um desinteresse nas crianças pelas brincadeiras, que acabavam inventando outras, causando estresse na professora. O ponto positivo é que a intervenção realizada nessa creche conscientizou a professora da importância das atividades serem compatíveis com a idade das crianças e do acompanhamento dessas atividades, priorizando o desenvolvimento da criança.
Educação (Física) Infantil: território de relações comunicativas	Eliane Gomes da Silva, ElenorKunz e Lucia Helena Ferraz Sant'Agostino (2010)	O estudo prioriza o movimento humano na prática pedagógica com as crianças na Educação Física, pois o movimento constituiu-se numa forma de linguagem/signos.
Educação Física na educação infantil: produção de saberes no cotidiano escolar	André da Silva Mello, Wagner dos Santos, Marcos Vinicius Klippel, Amanda de Pianti Rosa e Sebastião Josué Votre (2014)	O estudo investiga os desafios e as viabilidades da prática interventiva de dois professores de Educação Física na primeira fase da Educação Infantil (seis meses a três anos) em dois Centros Municipais de Educação de Vitória (CMEIs). Percebeu-se que esses dois centros priorizam os jogos e brincadeiras na prática pedagógica da Educação Física na Educação Infantil, considerando a criança como sujeito portador de direitos, e como tal o direito ao brincar durante a aprendizagem.
O Jogo na Perspectiva Histórico-cultural: sua importância	Santiago Daniel Hernandez-Piloto Ramos (2014)	O estudo em questão destaca a importância do jogo no processo de desenvolvimento cognitivo e sociocultural da criança, citando a Zona de Desenvolvimento Proximal(ZDP) abordada por Vygostky, considerando que

no ensino e no desenvolvimento das funções psíquicas superiores		cada criança tem um ritmo de desenvolvimento, cabendo ao educador intervir nessa questão.
Brincar e Mediação na Escola	Mariana Stoeterau Navarro e Elaine Prodócimo (2012)	As brincadeiras são fundamentais para a Educação Infantil. Nesse sentido, o professor tem o papel de ser um mediador durante as brincadeiras, a fim de garantir a qualidade do brincar.
O Tema Jogo Infantil no Periódico <i>Pro-Posições</i>	Flávia dos Santos Pereira, Roberta Santos, Litza Pereira Santos, Karen Santos Amorim e Lílian Miranda Bastos Pacheco (2009)	A atividade lúdica é muito importante na Educação Infantil, pois é através dela que as crianças entram em contato com a realidade. Percebeu-se a necessidade de mais estudos na área da Educação Infantil, pois várias instituições infantis ainda confundem seu papel educacional com funções maternas, mas o que deve realmente acontecer é a integração das funções maternas com as funções educacionais na creche, por meio da ludicidade.

Segundo Méloet *al* (2013), as atividades físicas são pouco realizadas em escolas de menor porte, e mesmo em escolas de maior porte, os jogos e brincadeiras são praticados, em maior parte, no recreio. Percebe-se, nesse sentido, que os jogos e brincadeiras tem sido desvalorizados na Educação Infantil, assim como afirma Silva (2013). Nesse sentido, é importante que as instituições de Educação Infantil, assim como seus educadores, se conscientizem acerca da importância dos jogos e brincadeiras para o desenvolvimento da criança, conscientizando-se também da importância do papel do educador infantil como mediador nas atividades propostas na Educação Infantil.

Oliveira e Oliveira (2012) concordam acerca da importância do educador atuante na Educação Infantil como mediador, e também reforça a ideia de que as crianças de zero a três anos precisam ter um atendimento especializado, ou seja, é

preciso que os educadores se preocupem não apenas com a educação nesta importante etapa da vida da criança, nem tampouco apenas com os cuidados de suas necessidades básicas maternas, mas sim integrar essas duas funções a fim de que o educador seja um interventor de qualidade, proporcionando assim tanto educação quanto saúde e assistência social quando for preciso.

Surdi *et al* (2013) observaram duas escolas municipais da cidade de Capinzal/SC e constataram que ambas as escolas utilizam os jogos e brincadeiras em seu método de ensino, mas só se preocupam com o resultado das ações do movimento, deixando de lado o acompanhamento do mesmo. Como foi abordado anteriormente no referencial teórico, o que importa não é começar ou terminar determinada atividade, mas sim a experiência que a criança adquire no decorrer da realização da atividade ou do movimento. Nesse sentido, cabe a essas duas escolas observadas por Surdi *et al* (2013) priorizarem a experiência do movimento, acompanhando cada criança, observando suas dificuldades e potencialidades, a fim de que os educadores intervenham da melhor forma possível.

Em relação ao currículo de formação de professores de Educação Física, Lacerda e Costa (2012) realizaram um estudo investigativo em uma universidade estadual baiana para a atuação na Educação Infantil e constataram que algumas disciplinas entram em contradição em relação aos seus conteúdos. Dessa forma, percebe-se a importância da reformulação dos currículos de formação de professores de Educação Física, de forma que as disciplinas, apesar de serem diferentes, tenham o mesmo objetivo: formar um educador competente e preparado para atuar na Educação Infantil.

Silva *et al* (2010) consideram que o movimento é essencial na prática pedagógica com as crianças na Educação Física. Os autores têm uma visão acertada acerca da importância do movimento, visto que este é uma forma da criança se expressar, configurando-se, portanto, em uma forma de linguagem, principalmente as crianças mais novas.

Mello *et al* (2014) e Ramos (2014) concordam acerca da importância dos jogos e brincadeiras na prática pedagógica da Educação Física na Educação Infantil e reconhecem que cada criança tem um ritmo de desenvolvimento, cabendo ao educador intervir da melhor forma possível.

Navarro e Prodócimo (2012) também consideram que as brincadeiras são fundamentais para a Educação Infantil e reconhecem o papel do professor como um

mediador durante as brincadeiras, a fim de garantir a qualidade do brincar. É interessante ressaltar que os autores têm uma visão acertada acerca das contribuições do brincar para o desenvolvimento da criança, alertando sobre a presença do educador como mediador, pois não basta apenas propor atividades às crianças e as deixarem realizá-las como quiserem, mas é preciso priorizar o movimento nas brincadeiras e acompanhar cada atividade para que a criança possa se desenvolver de forma integral.

É importante salientar que, através dos jogos e brincadeiras, os professores da Educação Infantil podem trabalhar de forma lúdica. Nesse aspecto, Pereira *et al* (2009) consideram a importância da ludicidade na Educação Infantil, integrando as funções maternas (cuidar) com as funções educacionais (educar) na creche, por meio da ludicidade.

Por meio desses dez periódicos, foi possível perceber que a maioria das instituições de Educação Infantil utilizam os jogos e brincadeiras, mas alguns educadores ainda têm dificuldades de entender seu papel de mediadores durante o processo de brincar. Cabe ressaltar a importância de reformulação do currículo de formação de profissionais da Educação Física para atuar na Educação Infantil, a fim de que priorize o movimento nos jogos e brincadeiras, e conscientizem cada educando acerca da sua importância mediadora no processo de desenvolvimento da criança.

Cabe ressaltar também que não basta apenas as instituições trabalharem com jogos e brincadeiras, pois é preciso que estes sejam acompanhados pelos educadores, que devem intervir sempre que for preciso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se observar que o desenvolvimento do ser humano não está relacionado apenas aos seus aspectos biológicos ou genéticos, mas principalmente às relações que o indivíduo estabelece com o outro e com o mundo físico.

A partir do seu nascimento até os 3 anos de vida, o desenvolvimento do ser humano é marcado pelo crescimento físico, onde se desenvolvem as habilidades motoras, e pela aquisição da linguagem. Dos 3 aos 5 anos de idade, a criança aprende a cuidar de si mesma e desenvolve a criatividade e a imaginação, ganha força muscular e habilidades motoras.

Nesse sentido, surge a contribuição da Educação Física na Educação Infantil, pois com o surgimento das habilidades motoras, o educador pode fazer uso dos jogos e brincadeiras que priorizam o movimento, favorecendo assim o desenvolvimento dos aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais da criança, oportunizando múltiplas experiências corporais. Cabe ressaltar que os movimentos proporcionam uma maior proximidade com o universo da criança aprimoram a condição física e de saúde, auxiliam no desenvolvimento e no comportamento cognitivo e afetivo-social.

Enquanto disciplina existente no currículo escolar, a Educação Física assume uma função significativa na medida em que proporciona o ambiente apropriado para a criança. Ela pode proporcionar também experiências que envolvem a colaboração e promovem o desenvolvimento integral do aluno, suas habilidades motoras e sua socialização. Desse modo, pode-se trabalhar o corpo de forma harmoniosa nos seus âmbitos físico, cognitivo e psicossocial.

A Educação Física pode proporcionar o desenvolvimento de diversas habilidades motoras da criança, como o deslocamento, a manipulação, a estabilização, o desporto e as capacidades motoras (força, resistência, agilidade, velocidade e flexibilidade). Além disso, essa importante disciplina pode proporcionar o desenvolvimento das habilidades sociais e simbólicas da criança, e é através dos jogos e brincadeiras que essas habilidades serão desenvolvidas. O jogo leva a criança a conhecer princípios como colaboração, participação e corresponsabilidade, assim como a brincadeira faz uma conexão entre afeto, motricidade, linguagem,

percepção, representação, memória e demais aspectos cognitivos. É importante destacar que os jogos e brincadeiras são lúdicos, ou seja, é por meio deles que a criança desenvolve sua criatividade e adquire cada vez mais conhecimentos.

Em relação ao papel do professor de Educação Física na Educação Infantil, percebe-se que está relacionado ao fato do mesmo ser um importante mediador durante o processo de ensino-aprendizagem. Não basta apenas propor atividades lúdicas que contemplem o movimento, mas principalmente conhecer cada criança, ajudando seus alunos a superar seus obstáculos, focando em suas potencialidades, e não em suas limitações. Quanto a estas, o professor deve ser um mediador, auxiliando o aluno a superar suas dificuldades e ampliar suas capacidades.

Pretendeu-se nesse estudo responder ao seguinte questionamento: “Como a Educação Física pode contribuir na formação da criança na Educação Infantil?”. Sendo assim, a Educação Física contribui na formação da criança na Educação Infantil em seus aspectos físico, motor, psicológico, afetivo e social, ou seja, promove o desenvolvimento da criança de forma integral.

Por fim, percebemos que espaços adequados nas escolas de Educação Infantil deva ser prioridade, pois é nessa idade que a criança vai experimentar toda forma de movimentos possíveis e movimentos que podem ser impossível de acontecer, caso não tenha a presença do professor de Educação Física. Foi notório a necessidade de desenvolver os jogos e as brincadeiras neste espaço. Porém, que isso seja feito e valorizado por todos os professores, não só o de Educação Física. Para isso, sugerimos:

- Rediscutir o tempo do brincar e a metodologia utilizada;
- Possibilitar planejamento por área e interdisciplinar;
- Rever o processo de integração curricular e
- Formação continuada de professores.

Consideramos que a Educação Física é essencial na Educação Infantil, pois promove o desenvolvimento integral da criança. Esse desenvolvimento, por sua vez, acontece por meio dos jogos e brincadeiras que devem ser direcionados, ofertando sempre a ludicidade, para que a criança sinta prazer no brincar e no jogar, podendo se divertir e aprender ao mesmo tempo.

Percebemos também a necessidade da atuação do professor de Educação Física na Educação Infantil, visto que ele é um importante mediador no processo de

desenvolvimento da criança, ao estimular movimentos corporais através dos jogos e brincadeiras, intervindo nas limitações dos alunos, ajudando-os a superar barreiras, assim como é importante intervir nas potencialidades das crianças, a fim de ampliá-las.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 21 Set. 2016.

BRASIL. **Medida Provisória nº 746, de 22 de Setembro de 2016**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm#art1. Acesso em: 17 Out. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e Brincadeiras de Creches**: manual de orientação pedagógica. Brasília: MEC/SEB, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 17 Nov. 2016.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

CAVALARO, Adriana Gentilin; MULLER, Verônica Regina. **Educação Física na Educação Infantil**: uma realidade almejada. Educar, Curitiba, n. 34, p. 241-250, 2009. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n34/15.pdf>. Acesso em: 21 Set. 2016.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DEZANI, Gabriel Santos *et al.* **A Importância das Aulas de Educação Física no Ensino Infantil.** Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente 5(2): 115-124, jul-dez, 2014. Disponível em: <http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/viewFile/234/180>. Acesso em: 21 Set. 2016.

FERREIRA, Heraldo Simões; SAMPAIO, José Jackson Coelho. **Tendências e Abordagens Pedagógicas da Educação Física Escolar e Suas Interfaces com a Saúde.** EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires - Año 18 - Nº 182 - Julio de 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd182/tendencias-pedagogicas-da-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 21 Set. 2016.

FILHO, Carol Kolyniak. **Motricidade e aprendizagem:** algumas implicações para a educação escolar. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000200005. Acesso em: 24 Out. 2016.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro:** teoria e prática da Educação Física. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

FREIRE, João Batista; SCAGLIA, Alcides José. **Educação Como Prática Corporal.** 2. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, Kátia Silene Lima. **A Educação Física nas Escolas Infantis:** diagnóstico da realidade escolar. Monografia apresentada ao curso de Educação Física, da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Porto Velho – RO: 2010. Disponível em: http://www.def.unir.br/downloads/1247_a_educacao_fisica_nas_escolas_infantis.pdf. Acesso em: 21 Set. 2016.

LACERDA, Cristiane Guimarães de; COSTA, Martha Benevides da. **Educação Física na Educação Infantil e o Currículo da Formação Inicial**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 327-341, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v34n2/a06v34n2.pdf>. Acesso em: 01 Nov. 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa, Planejamento e Execução de Pesquisas, Amostragens e Técnicas de Pesquisas, Elaboração e Interpretação de Dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MAGALHÃES, Joana S. *et al.* **Educação Física na Educação Infantil: uma parceria necessária**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – 2007. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Editora/REMEF/Remef_6.3/Artigo_04.pdf. Acesso em: 17 Out. 2016.

MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Infantil: construindo o movimento na escola**. 7. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Phorte, 2008.

MÉLO, Edilânea Nunes *et al.* **Associação Entre o Ambiente da Escola de Educação Infantil e o Nível de Atividade Física de Crianças Pré-escolares**. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RBAFS/article/view/2395/pdf42>. Acesso em: 01 Nov. 2016.

MELLO, André da Silva *et al.* **Educação Física na Educação Infantil: produção de saberes no cotidiano escolar**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte vol.36 no.2 Porto Alegre Apr./June 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892014000200467. Acesso em: 01 Nov. 2016.

NAVARRO, Mariana Stoeterau; PRODÓCIMO, Elaine. **Brincar e Mediação na Escola**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte vol.34 no.3 Porto Alegre July/Sept. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892012000300008. Acesso em: 01 Nov. 2016.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; MOREIRA, Wagner Wey. **Corpo e Movimento na Educação Infantil**. São Paulo: Telos, 2012.

OLIVEIRA, Cinthya Campos de; OLIVEIRA, Ivone Martins de. **Educação Especial Para Crianças de Zero a Três Anos: um desafio possível**. Pró-Discente: Caderno de Prod. Acad.-Cient. Prog. Pós-Grad. Educ., Vitória-ES, v. 18, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/PRODISCENTE/article/view/8965/6371>. Acesso em: 01 Nov. 2016.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A História da Educação Infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.33, p.78-95, mar. 2009. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/33/art05_33.pdf. Acesso em: 09 Dez. 2016.

PEREIRA, Flávia Roberta dos Santos et al. **O Tema Jogo Infantil no Periódico Pro-Posições**. Psicol. Esc. Educ. (Impr.) vol.13 no.1 Campinas Jan./June 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572009000100012. Acesso em: 01 Nov. 2016.

RAMOS, Santiago Daniel Hernandez-Piloto. **O Jogo na Perspectiva Histórico-cultural: sua importância no ensino e no desenvolvimento das funções psíquico superiores**. Pró-Discente: Caderno de Prod. Acad.-Cient. Prog. Pós-Grad. Educ., Vitória-ES, v. 20, n. 1, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/PRODISCENTE/article/view/8946/6353>. Acesso em: 01 Nov. 2016.

SILVA, Eliane Gomes da et al. **Educação (Física) Infantil: território de relações comunicativas**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 32, n. 2-4, p. 29-42, dez.

2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v32n2-4/03.pdf>. Acesso em: 01 Nov. 2016.

SILVA, José Ricardo. **A Brincadeira na Educação Infantil (3 a 5 anos)**: uma experiência de pesquisa e intervenção. Educ. rev. no.47 Curitiba Jan./Mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000100020. Acesso em: 01 Nov. 2016.

SOARES, Everton Rocha. **Educação Física no Brasil**: da origem até os dias atuais. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires - Año 17 - Nº 169 - Junio de 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd169/educacao-fisica-no-brasil-da-origem.htm>. Acesso em: 21 Set. 2016.

SOUZA, Rosana Sandri Eleutério; ROJAS, Jucimara. **Educação Física e Interdisciplinaridade na Educação de Infância**. Revista Motrivivência: ano XX, nº 31, p. 207-223, Dez/2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/2175-8042.2008n31p207/13002>. Acesso em: 10 Dez. 2016.

SURDI, Aguinaldo Cesar *et al.* **O Brincar o Se-movimentar nas Aulas de Educação Infantil**: realidades e possibilidades. Movimento – Revista de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre, v. 22, n. 2, 459-470, abr./jun. de 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/58076/37377>. Acesso em: 01 Nov. 2016.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.